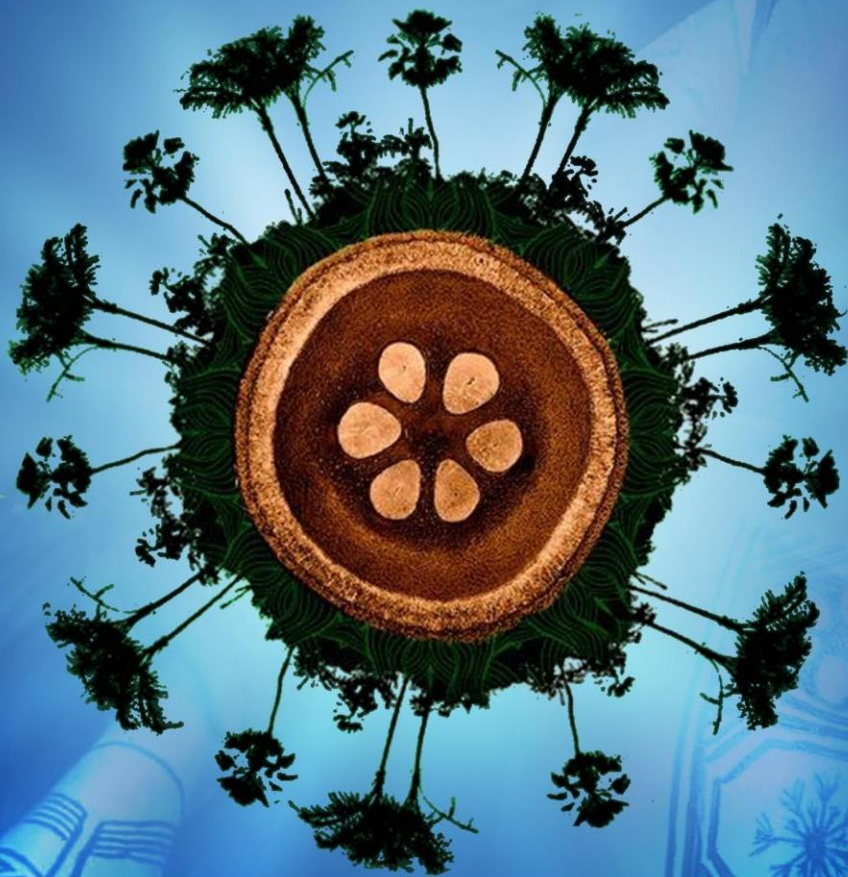


O RESSOAR DAS VOZES QUE ROMPERAM O SILÊNCIO

Aspectos históricos e culturais dos povos
indígenas Tabajara e Tapuio de Nazaré



Antonio Alves Pereira

**O RESSOAR DAS VOZES QUE
ROMPERAM O SILÊNCIO**

*Aspectos históricos e culturais dos povos
indígenas Tabajara e Tapuio de Nazaré*

Antonio Alves Pereira

Capa
Antonio Caires

Imagem da capa - Símbolo do III Fórum Nacional de Museus Indígenas do Brasil, (Rede Indígena de Memória e Museologia Social do Brasil). Ao fundo, fotos de pinturas corporais (Elayne Tabajara e Marciano Tabajara).

Imagem da contracapa - Símbolo criado pelos povos de Nazaré em oficina ministrada pelo artista plástico Benício Pitaguary. Ao fundo, símbolo de III Fórum de Museus e peças do Museu Indígena Anísia Maria.

Edição e montagem
Antonio Alves Pereira /Antonio Caires

Revisão Final
Maria Mônica de Sousa

Este paradidático foi elaborado como Produto Educacional do Mestrado Profissional em História/PPGHIST da Universidade Estadual do Maranhão/UEMA, sob orientação da Prof.^a Dr^a Franc-Lane Sousa Carvalho do Nascimento.



Pereira, Antonio Alves.

O ressoar das vozes que romperam o silêncio: aspectos históricos e culturais dos povos indígenas Tabajara e Tapuio de Nazaré / Antonio Alves Pereira. – São Luís, 2023.

86 f.; il.

Produto Educacional da Dissertação “Trilhas da história e da cultura dos Tabajara e Tapuio de Nazaré: ressignificando saberes escolares na comunidade indígena”.

Orientação da Profa. Dra. Franc-Lane Sousa Carvalho do Nascimento.

1. Ensino de História. 2. História e cultura. 3. Povos indígenas. 4. Saberes escolares. I.Título.

CDU 376.7(075)

Lista de Siglas

APIN - Associação dos Povos Indígenas Tabajara e Tapuio

Itamaraty da Comunidade Nazaré

CEBI - Centro de Estudos Bíblicos

CFM - Centro de Formação Mandacaru

EFASA - Escola Família Agrícola Santa Ângela

FUNAI - Fundação Nacional de Assistência ao Índio

INTERPI - Instituto de Terras do Piauí

PPGAnt – Programa de Pós-Graduação em Antropologia

PPGHist - Programa de Pós-Graduação em História

UEMA - Universidade Estadual do Maranhão

UESPI - Universidade Estadual do Piauí

UFPI – Universidade Federal do Piauí

Lista de Imagens

| | |
|---|----|
| Imagem 1 - Cemitério indígena localizado na região de Nazaré, Lagoa de São Francisco – PI..... | 11 |
| Imagem 2 - Indígena capturado por bandeirante..... | 12 |
| Imagem 3 - Jornal “A Imprensa”, edição 00141,1868..... | 14 |
| Imagem 4 - Anízia Maria, indígena Tabajara..... | 15 |
| Imagem 5 - Catequização de crianças indígenas em missão religiosa..... | 17 |
| Imagem 6 - Símbolo dos Tabajara de Nazaré, desenvolvido durante oficina ministrada em 2017 pelo artista plástico Benício Pitaguary | 19 |
| Imagem 7 - Roda de fiar algodão e potes de cerâmica..... | 21 |
| Imagem 8 - Morador da região de Nazaré confeccionando peça por meio do trançado de palha de palmeira de babaçu..... | 22 |
| Imagem 9 - Manoel Niza - Tabajara (<i>In memorian</i>) - Filho de Anízia Maria..... | 23 |
| Imagem 10 - Assembleia da APIN, realizada na comunidade Nazaré | 25 |
| Imagem 11 - Mapa topográfico de parte da Serra da Ibiapaba e da região de Lagoa de São Francisco..... | 26 |
| Imagem 12 - Demonstrativo da distribuição espacial das nações indígenas no Piauí no século XVII..... | 28 |
| Imagem 13 - Mapa do Piauí: divisão política. Localização do município de Lagoa de São Francisco..... | 29 |
| Imagem 14 - Encontro do CEBI em Nazaré – 1994..... | 32 |
| Imagem 15 - Chico Pedro, indígena Tapuio..... | 37 |

| | |
|--|----|
| Imagem 16 - Nova sede do Museu Indígena Anízia Maria, construída em 2022 pelo Governo do Estado do Piauí..... | 39 |
| Imagem 17 - Sede do Museu Indígena Anízia Maria, cedida pela Obra Kolping da comunidade Nazaré..... | 40 |
| Imagem 18 - Roda de madeira movida manualmente para girar uma bola de serrar mandioca..... | 41 |
| Imagem 19 - Utensílios domésticos antigos..... | 41 |
| Imagem 20 - Resto de objeto cerâmico encontrado nas imediações da comunidade Nazaré..... | 41 |
| Imagem 21 - Maracás feitos de cabaça e coco..... | 41 |
| Imagem 22 - Banner de divulgação do III Fórum Nacional de Museus Indígenas do Brasil..... | 42 |
| Imagem 23 - Participantes do III Fórum Nacional de Museus Indígenas do Brasil..... | 43 |
| Imagem 24 - Mapa Topográfico do município de Lagoa de São Francisco | 45 |
| Imagem 25 - Mapa topográfico de Lagoa de São Francisco e região..... | 46 |
| Imagem 26 - Mapa topográfico da localidade Nazaré..... | 48 |
| Imagem 27 - Localização do Riacho Currealinho..... | 49 |
| Imagem 28 - Riacho Currealinho | 50 |
| Imagem 29 - Localização do riacho Olho D'aguinha e do riacho Riachão..... | 51 |
| Imagem 30 - Riacho Currealinho | 53 |
| Imagem 31 - Riacho Riachão na época das cheias..... | 54 |
| Imagem 32 - Região da Chã..... | 55 |
| Imagem 33 - Pilão de Pedra dos “Índios” | 56 |
| Imagem 34 - Cachoeira do Olho D'água do Cedro | 57 |

| | |
|---|----|
| Imagem 35 - Olho D'água do Taipu | 58 |
| Imagem 36 - Cemitério Indígena..... | 58 |
| Imagem 37 - Mapa dos lugares de memória relacionados aos indígenas da região de Nazaré..... | 59 |
| Imagem 38 - Mapa do território indígena de Nazaré..... | 60 |
| Imagem 39 - Placa do território indígena de Nazaré..... | 61 |
| Figura 40 : Solenidade de entrega do título de terra aos indígenas de Nazaré..... | 61 |
| Figura 41 - Governadora Regina Sousa, Maria Gardênia (presidente da APIN), Cacique Henrique Manoel e Chico Lucas (Presidente do INTERPI), no momento da entrega do título da terra | 62 |
| Imagem 42 - Abanos e arupembas..... | 63 |
| Imagem 43 - Cesto de palha de palmeira | 63 |
| Imagem 44 - Esteira | 63 |
| Imagem 45 - Cofo | 63 |
| Imagem 46 - Surrão | 64 |
| Imagem 47 - Cesto com tampa | 64 |
| Imagem 48 - Pintura corporal à base de urucum..... | 65 |
| Imagem 49 - Pintura corporal à base de Jenipapo..... | 65 |
| Imagem 50 - Pintura corporal..... | 66 |
| Imagem 51 - Sementes de urucum..... | 66 |
| Imagem 52 - Realização de pintura corporal | 66 |
| Imagem 53 - Roda de Toré na oca de Nazaré | 69 |

SUMÁRIO

| | |
|--|---|
| Lista de siglas | |
| Lista de imagens | |
| Mensagem aos estudantes, professores e leitores em geral | 9 |

Capítulo 1 - Os indígenas silenciados ressurgem: compreendendo os processos de existência e resistência.... 11

| | |
|---|----|
| 1.1 O mito do extermínio indígena no Piauí..... | 11 |
| 1.2 Contradições na História..... | 15 |
| 1.3 Os ecos da resistência..... | 18 |

Capítulo 2 - Aspectos históricos dos indígenas Tabajara e Tapuio da região de Nazaré..... 21

| | |
|--|----|
| 2.1 Os indígenas Tabajara de Nazaré..... | 26 |
| 2.2 Os indígenas Tapuio de Nazaré..... | 34 |
| 2.3 O Museu Indígena Anízia Maria..... | 38 |

Capítulo 3 - Aspectos geográficos da região de Nazaré 45

| | |
|--|----|
| 3.1 Localização da região de Nazaré..... | 45 |
| 3.2 Relevo e hidrografia..... | 47 |
| 3.3 Lugares de memória dos indígenas Tabajara e Tapuio de Nazaré | 52 |
| 3.4 O Território Indígena de Morro Belo..... | 59 |

Capítulo 4 - Arte e Cultura dos indígenas da região de Nazaré 63

| | |
|---|----|
| 4.1 Artesanato com trançado de palha..... | 63 |
| 4.2 Pinturas corporais..... | 65 |
| 4.3 Os rituais..... | 67 |
| 4.3.1 Rezas, práticas de cura e outros saberes..... | 67 |

| | |
|--|-----------|
| 4.3.2 O Toré..... | 68 |
| 4.4 Os encantados..... | 70 |
| Capítulo 5 - História e cultura em versos e cantos..... | 71 |
| 5.1 Versos e rimas..... | 71 |
| 5.2 Os cantos de Toré..... | 76 |

Referências bibliográficas

Mensagem aos estudantes, professores e leitores em geral

É com imensa alegria que entregamos esta produção escrita, onde buscamos fazer ecoar fidedignamente as vozes dos povos indígenas Tabajara e Tapuio da região da comunidade Nazaré, município de Lagoa de São Francisco, norte do Piauí.

Este Produto Educacional, ao tempo em que atende aos requisitos do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual do Maranhão – PPGHist/UEMA, faz com que a história, a cultura e outros aspectos relacionados aos indígenas da região de Nazaré cheguem, sob a forma de um livro paradidático, ao contexto escolar que os contempla, no caso, a Escola Municipal Professor José Raimundo Pereira.

Trabalhar aspectos relacionados à história e à cultura indígena deve ir além do cumprimento de obrigações legais, como é o caso da Lei 11 645/2008. Levar essas temáticas para a sala de aula, principalmente valorizando o contexto em que a escola está inserida, leva os envolvidos no processo educacional escolar à aquisição de conhecimentos que podem romper as barreiras do preconceito e da intolerância.

Devemos compreender que os processos de colonização foram cruéis e bárbaros para com os indígenas do Brasil. Morte, usurpação de territórios, escravização e imposição de um falso processo “civilizatório” foram algumas das atrocidades impostas a esses povos, levando muitos destes a negarem suas próprias etnias para preservarem suas vidas.

No caso do estado do Piauí, o estudo das temáticas indígenas nas escolas é urgente e necessário, pois até outrora era difundida a ideia de que os indígenas piauienses foram extintos em meados do século XIX. Esse mito, como veremos nesta



produção, já caiu por terra, pois nas últimas décadas muitos indígenas do Piauí vêm rompendo um silêncio secular.

É importante que se compreenda que as transformações sociais e culturais são contínuas. Por isso, não devemos cair no equívoco de conceber os indígenas apenas como seres que andam seminus, empunham arco e flecha e moram nas florestas, sobrevivendo basicamente da caça e da pesca. Dessa forma, não podemos cair no erro de proferir a já superada ideia de “índios aculturados”, nem tampouco devemos concebê-los ou não como indígenas por conta de suas características físicas.

Atualmente, pela definição de indígena instituída na ocasião do II Congresso Indigenista Interamericano, realizado em Cuzco, no Peru, em 1949, é considerado como tal, todos os descendentes dos povos e nações pré-colombianas que têm consciência desta condição humana.

Essa definição vem de encontro com uma fala do senhor Chico Pedro, indígena Tapuio que vive na comunidade Riachão, próximo de Nazaré. O mesmo afirma que sua bisavó foi uma “índia” pega a dente de cachorro, e que ele, por ser filho dos descendentes desta mulher, também é indígena. Logo, devemos conceber descendentes de povos indígenas, simplesmente, como aquilo que eles são: portanto, indígenas.

Foram muitos os caminhos percorridos para se chegar a este trabalho. Espero que o mesmo seja utilizado com frequência e que a cada vez que isso aconteça se faça ressoar com ainda mais força as vozes dos indígenas da região de Nazaré.

Antonio Alves Pereira



CAPÍTULO 01

Os indígenas silenciados ressurgem: compreendendo os processos de existência e resistência

1.1 O mito do extermínio indígena no Piauí

Até meados da segunda década dos anos 2000, o mito do extermínio dos povos indígenas do Piauí foi praticamente unanimidade entre os historiadores piauienses, sendo assim propagado ao longo do tempo, inclusive dentro das salas de aula Brasil a fora, levando à equivocada crença da extinção desses povos em meados do século XIX.

Elayne Tabajara



Imagem 1 - Cemitério indígena localizado na região de Nazaré, Lagoa de São Francisco – PI.



A suposta ausência de indígenas no território piauiense era justificada pela morte, escravidão, “mestiçagem”, imposição de outras denominações, a exemplo de “caboclo”, por meio de tentativas de apagamento cultural nos aldeamentos ou missões religiosas, ou até mesmo pela expulsão dos mesmos de suas próprias terras.

Até as últimas décadas do século XX, quando se falava dos indígenas piauienses, defendia-se a tese do “índio misturado”, da **aculturação** e da extinção por morte. Assim eram narrados os capítulos sangrentos da nossa História, atestando equivocadamente o fim dos indígenas do Piauí por volta dos anos 1850.

*Nesse sentido, a **aculturação** pode ser entendida como uma suposta perda da identidade indígena a partir da interação com a cultura de grupos não indígenas.*



*Imagem 2 - Indígena capturado por bandeirante.
Ilustração de Jóta e Sany (in Lima et. al 1995).*



Dessa forma, parece que a História se limitou em acreditar que estava fazendo justiça apenas ao enfatizar, com um certo pesar, os brutais assassinatos decorrente de grandes conflitos, fazendo inclusive emergir constantemente o nome de cruéis personagens dessa sombria história, a exemplo do Tenente Coronel João do Rego Castelo Branco, tratado como “matador de índios” ou “*el matador*”.

No contexto da segunda metade do século XIX para o início do século XX, as formas de silenciamento impostas aos indígenas ganham outras configurações. Desta vez, a conjuntura social e política do fim do segundo império e do início do Brasil república impõem outras nomenclaturas a esses povos, ganhando força no linguajar popular o termo “caboclo”, o qual na verdade se tratava de mais uma tentativa de apagamento das identidades dos resistentes indígenas do Piauí e de outras partes do país.

Vivendo em meio a uma sociedade que lhes negava espaço, muitos indígenas assumiram a identidade de caboclos e mestiços, negando assim as suas próprias etnias em um ato de resistência.

Qualquer um que se aventure a pesquisar sobre os indígenas do Piauí em jornais piauienses dos séculos XIX e XX pouca coisa encontrará. No entanto, os “caboclos” são constantemente mencionados ao longo de diversas edições de órgãos de imprensa.

A imagem a seguir (imagem 3), traz o trecho de uma matéria publicada no jornal piauiense “A Imprensa”, edição



00141, datada do ano de 1868, a qual, com um certo teor de denúncia, narra a prisão de um “caboclo” na vila de Marvão, atual cidade de Castelo do Piauí.

Levando os outros presos para uma casa do tenente-coronel Miguel, mandou algemar a um caboclo já velho, do meo conhecimento, que tem netos e tem quatro filho menores; apesar da mulher, que está com uma grande barriga, pôr-se de joelhos ao pés do sultão —burlesco, chorando! . . . sem que elle ao menos se dignasse mandal-a levantar ! . . .

Imagem 3 - Jornal “A Imprensa”, edição 00141, 1868.

Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional

Levando em consideração aspectos que antes justificavam erroneamente o mito do extermínio indígena no Piauí, podemos fazer algumas reflexões a partir dos seguintes questionamentos:

- Ao serem escravizados, expulsos de suas terras, aldeados nos arraiais, aldeamentos ou missões religiosas, os indígenas deixavam de ser parte de uma determinada etnia?



- Em um extenso território como o Piauí seria possível a extinção física por completa de diversas nações indígenas?
- A “mestiçagem” e a vivência cotidiana junto a outras culturas proporcionariam o apagamento por completo da identidade indígena?

1.2 Contradições na História

Não demora muito para os indígenas piauienses que foram considerados como completamente extintos reaparecerem. A exemplo de um fato ocorrido em 1862, quando o presidente da Província do Piauí informa ao chefe de polícia que os “índios” João Manoel e Maria abandonaram um menor indígena em Pedro II.



Arquivo de Lucinete Nascimento (Tabajara)

Imagem 4 - Anízia Maria, indígena Tabajara (1895 – 1987)

Outro fato que soterra o mito do extermínio dos indígenas do Piauí é o Nascimento da indígena Anízia Maria, ocorrido em 1895 na região do povoado Itamaraty, atual povoado Nazaré, na época pertencente ao termo de Pedro 2°. Filha de Antônia Jacinta, Anízia é lembrada como uma das mais importantes matriarcas dos indígenas Tabajara de Nazaré.



Outro acontecimento que reafirmou a existência desses povos no Piauí, foi a presença de indígenas famintos em Teresina no ano de 1890, ocasião em que os mesmos receberam do governo um auxílio de 100 réis. Já na segunda década do século XX, precisamente em 1913, 29 indígenas Gamelas e Craús pediram auxílio ao governo piauiense. O fato ocorreu mais de meio século após a suposta “liquidação final”.

Uma das principais bases que sustentava a já superada exterminação indígena no Piauí, seria a aniquilação por meio da extinção física praticada através de conflitos entre os indígenas e os colonizadores. A invasão e a consequente defesa de território, muitas vezes resultava em massacres sanguinários, entretanto, seria difícil sustentar a tese do extermínio total supostamente ocorrido em meados do século XIX, dado o extenso território em que está situado o Piauí, o qual até os dias atuais ainda concentra alguns locais pouco explorados.

Historiografia é toda produção do conhecimento histórico referente a um determinado tema ou período.

(TORRES, 1996, p. 56).

São encontradas na **historiografia** piauiense considerações que sugerem que os aldeamentos, a escravização e as constantes fugas praticadas pelos indígenas lhes “roubavam a indianidade”.

Desde a chegada dos portugueses ao Piauí, a colonização por meio da criação de gado, iniciada no século XVII, colocou-se como uma ameaça às aldeias, sendo um cruel e perverso motivo para o assassinato de indígenas.

Os aldeamentos ou missões religiosas, lideradas pelos padres jesuítas, por sua vez, pretendiam catequizar e converter



os indígenas ao catolicismo e fazê-los assimilar uma outra cultura, o que de certo modo, buscava distanciá-los dos seus próprios costumes.

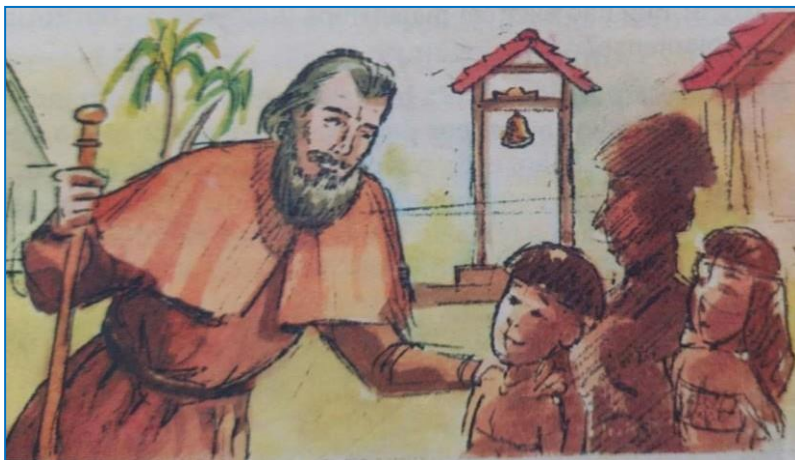


Imagem 5 - Catequização de crianças indígenas em missão religiosa.

Ilustração de Jóta e Sany (in Lima et. al 1995).

Dentro de uma perspectiva colonialista, defendia-se de modo equivocado e intencional que ao se desfazer uma coletividade, uma vez “integrando” os indivíduos à sociedade e os fazendo “assimilar” aspectos de uma outra cultura, os indígenas perderiam sua identidade. Porém, antes de considerar quaisquer possibilidades de distanciamento dos indígenas de suas práticas culturais tradicionalmente vivenciadas, não se pode esquecer das imposições culturais difundidas por meio de violência física e simbólica.



As manifestações culturais e identitárias desses povos não permaneceram e nem permanecem imóveis, pelo contrário, as mesmas podem modificar outras culturas e por elas serem modificadas. Assim, desfaz-se aqui a preconceituosa ideia de “índios aculturados”.

Outra justificativa equivocada para o extermínio dos indígenas seria a “mestiçagem”, o que leva até hoje à cobranças injustificáveis por uma “pureza racial”. Desde o século XIX, a utilização do termo “índios misturados” difundiu a ideia de que os indígenas haviam se tornado “mestiços” e por isso perderiam alguns direitos. O emprego desse termo era carregado de interesses, colocando-os em contraste com a figura de um suposto “índio puro” do passado.

Nos dias atuais, ao se tomar como exemplo a definição de indígena, instituída na ocasião do II Congresso Indigenista Interamericano, realizado em Cuzco, no Peru, em 1949, compreende-se que é considerado como tal, todos os descendentes dos povos e nações pré-colombianas que têm consciência desta condição humana.

1.3 Os ecos da resistência

Nos dias atuais, a ideia de exterminação total dos indígenas piauienses deve ser vista como um mito, uma farsa que já caiu por terra em meio aos pedregosos caminhos que continuam sendo trilhados pelos resistentes indígenas desse vasto território.



Os indígenas do Piauí resistiram ao longo da História, seja lutando contra os invasores fortemente armados, fugindo para longínquos rincões, sobrevivendo à escravidão que lhes era imposta, subsistindo às imposições culturais nos aldeamentos, arraiais ou missões religiosas, e até mesmo silenciando e ocultando suas identidades por uma questão de sobrevivência.



Marciano Tabajara

Figura 6 – Símbolo dos Tabajara de Nazaré, desenvolvido pelos povos durante oficina ministrada pelo artista plástico Benício Pitaguary em 2017.

A opressão aos indígenas do Piauí e do Brasil, por mais que se tente colocar em uma perspectiva de passado, ainda é uma prática dos dias de hoje, percebendo-se facilmente o preconceito e a intolerância para com os indígenas, principalmente contra os que ressurgem reivindicando suas identidades.

Desta forma, os massacres sangrentos e à forte imposição cultural forçadamente imposta desde o início do período colonial, levaram esses povos a um árduo silenciamento histórico, o qual vem sendo rompido pela reivindicação de identidades indígenas por diversos grupos.

Atualmente, vivem no Piauí os povos indígenas Kariri de Queimada Nova e de Paulistana; Tabajara de Piripiri; Tabajara Ypy, do Canto da Várzea – Piripiri; Tabajara e Alongá da



Oiticica – Piripiri; Gamela/Akroá de Baixa Grande do Ribeiro, Uruçuí, Currais e Santa Filomena; Gueguê do Sangue, em Uruçuí; indígenas Warao, advindos da Venezuela e Guajajara da Aldeia Ukair, em Teresina, bem como os Tabajara e Tapuio de Nazaré, em Lagoa de São Francisco.

Essas coletividades vêm proporcionando a ruptura das históricas mordças, fazendo as vozes resistentes ecoarem em alto e bom som que **no Piauí tem povos indígenas sim!**

Refletindo...

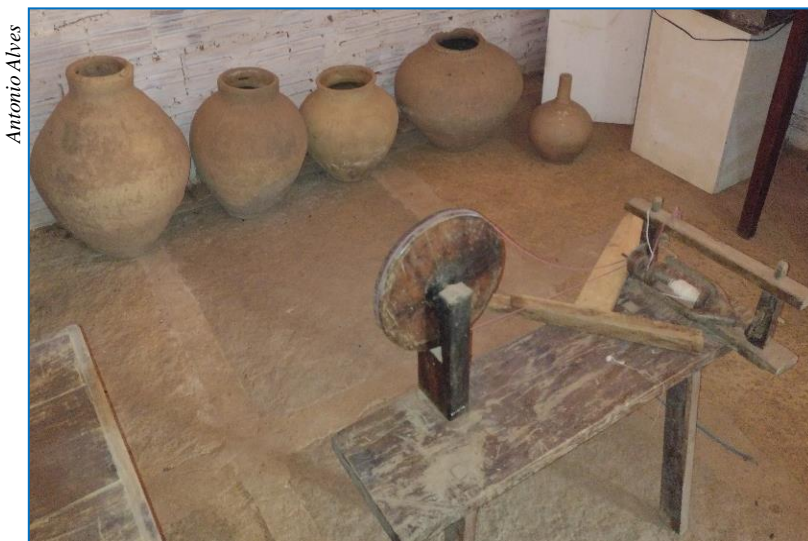
- Considerando a difusão do mito do extermínio dos indígenas do Piauí, aponte os principais acontecimentos que reafirmam a presença indígena nesse território após a sua suposta extinção ocorrida em meados do século XIX.
- Identifique as principais formas de resistência praticadas pelos indígenas do Piauí para sobreviver às mais variadas formas de opressão.
- Pesquise a população da Província do Piauí no recenseamento de 1872 no endereço eletrônico https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv25477_v9_pi.pdf e, com base na leitura deste capítulo, identifique a presença dos indígenas nesse contingente populacional.



O ressoar das vozes que romperam o silêncio: aspectos históricos e culturais dos povos indígenas Tabajara e Tapuio de Nazaré

CAPÍTULO
02

Aspectos históricos dos indígenas Tabajara e Tapuio da região de Nazaré



Antonio Alves

Imagem 7 - Roda de fiar algodão e potes de cerâmica. (Acervo do Museu Indígena Anízia Maria)

A região onde se localiza a comunidade Nazaré e localidades vizinhas, pelo fato de estar cercada por solos férteis e pela presença de diversas fontes de água como riachos e olhos d'água, favoreceu o processo de fixação de diferentes grupos, a exemplo dos Tabajara, Tapuio e Codó Cabeludo (Cadóis Cabeludos), atraindo posteriormente os grupos não indígenas



que buscavam meios para desenvolver atividades ligadas à agricultura e à pecuária.

Devido a presença de não indígenas, parte dos povos foram seguindo para outros espaços, no entanto, outros permaneceram pelas redondezas, onde puderam acompanhar o árduo processo de perda de suas terras e a consequente formação de latifúndios.

A ocupação da região por grupos não indígenas camuflou parcialmente a presença indígena, mas os saberes e a cultura desses povos resistiram ao longo do tempo na região de Nazaré. Apesar do silenciamento imposto, esses indígenas mantiveram muitos de seus costumes.



Imagem 8 - Morador da região de Nazaré confeccionando peça por meio do trançado de palha de palmeira de babaçu. (Acervo do Museu Indígena Anízia Maria)

A identidade indígena permaneceu em meio à comunidade através de rezas e práticas de cura, uso de plantas medicinais, artesanato com trançado de palha, trabalho em mul-



tirão dentro do ciclo familiar e comunitário, ligação com a natureza, relação com lugares de memórias, partilha de saberes por meio de rodas de conversas, dentre outros fatores.

No processo de resgate histórico desses povos, intensificado em 2015, chegou a se colocar a possibilidade dos indígenas de Nazaré serem advindos de um grupo denominado Codó Cabeludos (ou Cadóis Cabeludo, como mencionado por alguns moradores da comunidade), os quais teriam chegado à região vindos do Ceará fugindo de uma grande seca.

Anna Bottesi



Imagem 9 - Manoel Niza -Tabajara (In memorian) - Filho de Anízia Maria.

Com base na partilha de saberes entre os “truncos velhos” da comunidade, a exemplo de pessoas como o senhor Manoel Niza (*in memorian*) filho de Anízia Maria, também conhecido como Manoel Sinésio, chegou ao entendimento que de fato a família Sinésio, foi quem expulsou os Codó Cabeludo da Região.

Não se sabe ao certo a qual etnia o grupo expulso pertencia, pois na verdade, esta denominação era um apelido que lhes fora colocado por aqueles que já habitavam em Nazaré, comunidade inicialmente denominada Itamaraty. Para os antigos moradores, o significado dessa palavra seria pedra pontiaguda,



rio de muitas pedras ou morro e água. A mudança de nome para Nazaré se deu em decorrência da opinião de Padre Áureo, pároco da cidade de Pedro II nas primeiras décadas do século XX, que dizia que a vista da região se parecia com Nazaré da Galileia.

Ao reivindicar suas identidades, tanto os indígenas Tabajara, quanto os Tapuio romperam o silêncio historicamente imposto aos mesmos e a tantos outros povos. Porém, o ressoar das vozes indígenas gerou, e por vezes, ainda gera questionamentos impregnados de visões puramente etnocêntricas, mal intencionadas, preconceituosas, e até mesmo, desprovidas de conhecimentos. Um dos questionamentos mais comuns é: como é que eles não eram “índios” e agora são de uma hora pra outra?

Falta a muitos o entendimento de que não se deve conceber o indígena apenas como uma figura que vive em ocas no meio da mata, empunha arco e flecha, anda seminu e vive praticamente da caça e da pesca. Também não se pode permitir cobranças por uma certa “pureza racial” como, infelizmente, ainda é costumeiro.

Os Tabajara e os Tapuio de Nazaré reivindicaram suas identidades principalmente com base em suas memórias, as quais se mantiveram vivas por meio de relatos orais passados de geração em geração, bem como na manutenção de costumes praticados por seus antepassados que viveram na região.

Para além da comunidade Nazaré, essas coletividades habitam também na localidade vizinha de nome Riachão, e nas regiões da Chã e do Engano. Conforme relatos dos “trancos



O ressoar das vozes que romperam o silêncio: aspectos históricos e culturais dos povos indígenas Tabajara e Tapuio de Nazaré

velhos”, que são os anciãos e anciãs indígenas, os Tabajara e os Tapuio habitam por essa região há mais de 220 anos.

Tendo recebido apoio de instituições para efetivar o processo de reafirmação enquanto indígenas, os povos de Nazaré se fortaleceram coletivamente com a criação da Associação dos Povos Indígenas Tabajara e Tapuio Itamaraty da Comunidade Nazaré - APIN, fundada em 14 de janeiro de 2017, ocasião em que foi escolhido como Cacique o senhor Henrique Manoel do Nascimento.



Imagem 10 - Assembleia da APIN, realizada na comunidade Nazaré.

Disponível em:

<https://museumiamaria.wordpress.com/2018/09/26/associacao-apin/>

Organizando-se juridicamente, esses povos se fortaleceram ainda mais na busca por seus direitos. Atualmente (2023), 456 indígenas vivem em Nazaré e região, sendo 415 da



O ressoar das vozes que romperam o silêncio: aspectos históricos e culturais dos povos indígenas Tabajara e Tapuio de Nazaré

etnia Tabajara, distribuídos em 132 famílias, e 41 indígenas da etnia Tapuio, distribuídos em 10 famílias.

2.1 Os indígenas Tabajara de Nazaré

Os indígenas Tabajara, provenientes do tronco Tupi, são oriundos da Bahia. Estes se espalharam em direção ao rio São Francisco, posteriormente percorrendo os sertões, fazendo-os seguir para diversas outras partes do que hoje se conhece como o nordeste brasileiro, povoando principalmente a serra da Ibiapaba, localizada no Ceará e em parte do norte do Piauí.

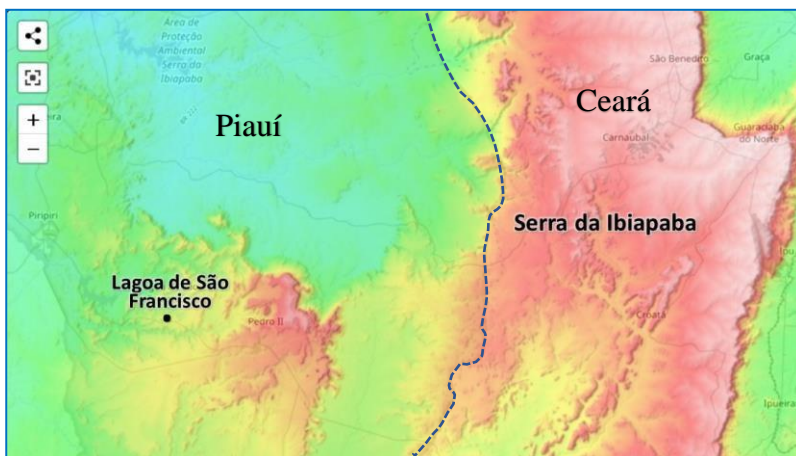


Imagem 11 - Mapa topográfico de parte da Serra da Ibiapaba e da região de Lagoa de São Francisco (Adaptado pelo autor).

Disponível em: <https://pt-br.topographic-map.com/map-xsct6/Lagoa-de-S%C3%A3o-Francisco/?center=-4.39936%2C-41.59776&zoom=10>



Por conta de conflitos com outros grupos indígenas, os Tabajara atravessaram o sertão do São Francisco e assim teriam chegado à Ibiapaba. Os mesmos teriam desviado a sua rota do litoral por conta da resistência dos indígenas Cariri. Atualmente, os Tabajara que habitam o território piauiense vivem nos municípios de Piriipiri e Lagoa de São Francisco.

Por meio de relatos transmitidos oralmente de geração para geração, as pessoas mais velhas da região de Nazaré, os “troncos velhos”, como são conhecidos, contavam que alguns dos moradores mais antigos vieram do Ceará, e que outras pessoas teriam vindo de uma região de Pernambuco, na divisa com o Ceará. Porém, a grande maioria teria vindo do Ceará, fugindo das grandes secas e em busca de melhorias de vida.

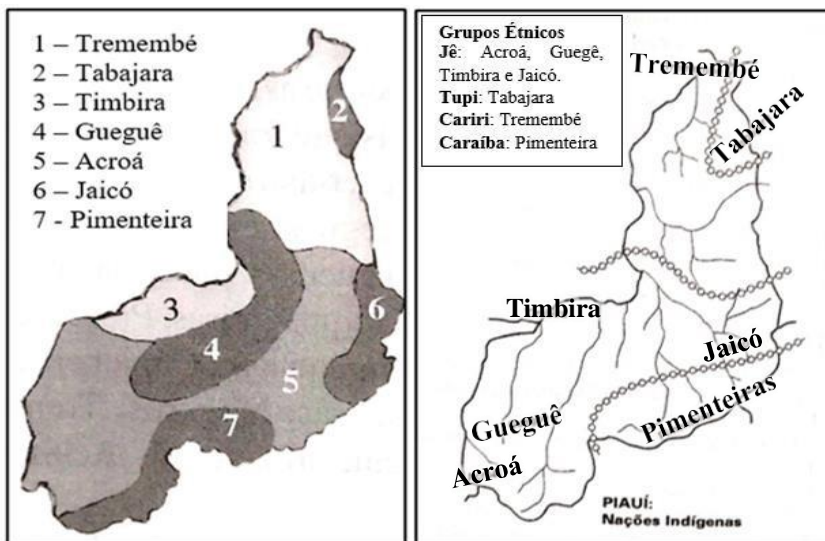
Desse modo, compreende-se que é perceptível que a História escrita está em consonância com relatos orais dos “troncos velhos” da região de Nazaré, pois geograficamente, as serras próximas da localidade estão ligadas às cadeias montanhosas da Serra da Ibiapaba. Dessa forma, ganha consistência a ideia de que os indígenas Tabajaras que chegaram à comunidade são advindos daquela região.

A observação e a análise de mapas elaborados ou adaptados por pesquisadores das áreas de História e Geografia do Piauí, a exemplo de Adrião Neto (2006) e de João Gabriel Baptista (2009), esboçam a presença de diversos grupos indígenas no território onde atualmente está localizado o estado do Piauí. A partir da percepção destes autores reafirma-se a presença dos indígenas Tabajara na região onde está localizado



O ressoar das vozes que romperam o silêncio: aspectos históricos e culturais dos povos indígenas Tabajara e Tapuio de Nazaré

o município de Lagoa de São Francisco, como exposto na imagem seguinte:



ADRIÃO NETO (2006)

BAPTISTA (2009)

Imagem 12 - Demonstrativo da distribuição espacial das nações indígenas no Piauí no século XVII.

Os mapas evidenciados acima indicam a presença dos principais grupos indígenas no território piauiense no século XVII, onde aparecem as nações indígenas Tremembé, Tabajara, Timbira, Gueguê, Acroá, Jaicó e Pimenteiras. A observação e a análise desses mapas confirmam a presença dos indígenas Tabajara na região onde atualmente está localizado o município de Lagoa de São Francisco, o que pode ser constatado por meio



da observação e da comparação dos mapas anteriores com o mapa exposto a seguir:



Imagem 13 - Mapa do Piauí: divisão política. Localização do município de Lagoa de São Francisco (IBGE, 2010).

Outro indicativo da presença desses indígenas no norte do Piauí, diz respeito à criação da Missão de São Francisco Xavier pelos padres jesuítas Antonio Ribeiro e Pedro Pedroso, no ano de 1658. A mesma estava situada na atual zona rural do município de São João da Fronteira e abrigava os Tabajara. Esta missão pouco durou, sendo desfeita no ano de 1662 por conta da



desobediência dos indígenas para com os padres que chefiavam a missão. Também merece destaque, a massiva presença dos Tabajara na Aldeia da Ibiapaba, fundada oficialmente em 1700 pelos padres Manuel Pedroso e Acenso Gago.

Diversas são as evidências que justificam a reivindicação da identidade indígena dos Tabajara de Nazaré. Tais evidências convergem diretamente com a história que não se perdeu. Aquela história que ecoou secularmente nas rodas de conversas por várias gerações. Ecos de vozes silenciadas que apenas murmuraram sobre suas histórias, culturas e costumes. Murmuraram, mas não se calaram!

Dessa forma, com base em relatos orais, a presença Tabajara na composição do que hoje se conhece como Nazaré começa com duas mulheres indígenas que foram capturadas a dente de cachorro e depois aprisionadas em um quarto para serem “amansadas”. Essas duas indígenas se chamavam Antônia Jacinta e Josefa Jacinta. Antônia Jacinta era a mãe de Anízia Maria e avó do senhor Manoel Sinésio, o qual foi um dos principais “trancos velhos” a atuar no processo de resgate histórico dos indígenas de Nazaré.

As duas mulheres tiveram filhos, e esses filhos foram ficando pela região de Nazaré, na época chamada Itamaraty. Assim, primos foram casando com primos e deram origem à comunidade.

O aumento da presença de não-indígenas na região, conseqüentemente levou à tentativas de sufocamento dos indígenas e de seus costumes, ocorrendo em Nazaré um triste



episódio que se repetiu Brasil a fora: a negação forçada da própria identidade por uma questão de sobrevivência.

As rodas de conversas da comunidade, ao tempo em que preservava a história, também indicava a necessidade de silenciar, a exemplo dos anciãos que narravam fatos que ouviram a respeito do assombroso tempo do “colar de orelha”, fazendo alusão à barbárie cometida durante a matança de indígenas em que os assassinos levavam um par de orelhas para comprovar cada indígena assassinado.

Os indígenas Tabajara de Nazaré resistiram ainda a alguns períodos de escassez de chuvas. Um dos momentos de seca narrados pelos moradores da região condiz com o final da década de 1870, durante o Segundo Império. Nessa época, a região ainda era denominada Itamaraty e pertencia ao termo de Pedro 2º.

Outros relatos constantemente ouvidos na comunidade, narram uma outra estiagem ocorrida já no período do século XX, quando a escassez de água fez com que alguns moradores deixassem a região e muitos dos que ficaram acabaram perdendo o que restava de suas terras.

Essa perda de território se deu na maioria das vezes para os donos de armazéns residentes em Pedro II, dos quais muitas famílias de Nazaré compravam alimentos, já que estes estavam escassos por causa da baixa produção devido à seca.

Sem ter com o que pagar as dívidas, a grande maioria dos moradores tiveram suas terras confiscadas como forma de pagamento das quantias devidas. Desse modo, as famílias da



O ressoar das vozes que romperam o silêncio: aspectos históricos e culturais dos povos indígenas Tabajara e Tapuio de Nazaré

comunidade passaram a ser moradores, pagando uma renda equivalente a cerca de um terço da produção agrícola para trabalhar nas terras que antes eram suas. Em contrapartida, os comerciantes se tornaram **latifundiários**.

Os latifúndios podem ser compreendidos como grandes propriedades pertencentes a um proprietário, família ou empresa.

Mesmo tendo trilhado árduos caminhos, os indígenas Tabajara de Nazaré mantiveram vivas suas tradições e sua história, de forma que o modo de viver dos mesmos, apresentava particularidades em relação a outras comunidades vizinhas.

Esse modo de viver e de ser chamou a atenção de integrantes do Centro de Formação Mandacaru (CFM), organização não governamental de Pedro II - PI que atua na região desde o início dos anos 1990, principalmente por meio do Centro de Estudos Bíblicos (CEBI), através da Professora e Antropóloga Adeodata dos Anjos e de outros colaboradores.



Imagem 14: Encontro do CEBI em Nazaré – 1994.
(Arquivo CEBI -CFM)



Outro fato que fortaleceu a luta desses povos, foi quando Dinayana Kelly Uchôa do Nascimento, indígena Tabajara, foi estudar no município de Pedro II, na Escola Família Agrícola Santa Ângela (EFASA) em 2013. Essa instituição é mantida pela Fundação Santa Ângela em parceria com o Governo do Estado do Piauí.

Por se tratar de uma escola que valoriza as experiências dos estudantes em suas comunidades, Dinayana teve a oportunidade de contar sua história e de seu povo. Devido a EFASA levantar a bandeira da educação do campo e ser um espaço de resistência, a história da comunidade ganhou visibilidade.

Outro importante momento para o fortalecimento da comunidade foi quando a então acadêmica da Universidade Federal do Piauí (UFPI), Ilana Magalhães Barroso, sob a orientação da Professora Dra. Carmen Lúcia Silva Lima, desenvolveu um trabalho acadêmico intitulado “Emergência étnica indígena e territorialização na comunidade Nazaré” na ocasião da conclusão do curso de graduação em Ciências Sociais no ano de 2016.

Posteriormente, a pesquisadora volta a contribuir com a comunidade indígena de Nazaré e região, desta vez no decorrer do seu curso de mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGAnt – UFPI), entre os anos de 2016 e 2018. Sob a mesma orientação, Ilana Magalhães Barroso desenvolveu a sua pesquisa e produziu o texto dissertativo intitulado “Emergência étnica indígena, territorialização memória e



identidade do grupo indígena Tabajara e Tapuio da aldeia Nazaré”.

A etnogênese ou emergência étnica pode ser entendida como um processo de ressurgimento de identidades de grupos que foram considerados extintos.

Estes trabalhos, frutos de pesquisas desenvolvidas na UFPI, deram grande visibilidade aos povos da comunidade Nazaré, contribuindo significativamente para o processo de **etnogênese** dos Tabajara, assim como dos Tapuio, servindo de base para o fortalecimento dessas coletividades.

Desse modo, no percurso das trilhas históricas dos indígenas Tabajara de Nazaré, se revelam árduas trajetórias até se chegar ao histórico romper do silêncio, o qual segue em processo, uma vez que ainda existem barreiras a serem superadas, as quais estão situadas desde o seio das localidades onde esses povos vivem, até as páginas de uma historiografia que erroneamente e intencionalmente os considerou como extintos.

2.2 Os indígenas Tapuio de Nazaré

Inicialmente, se faz necessário esclarecer que a denominação Tapuio surgiu a partir de um caráter genérico e discriminatório frequentemente utilizado pelos invasores, os quais a teriam adquirido junto aos indígenas falantes da língua tupi, pois o termo era utilizado para caracterizar os povos que não eram Tupi.



Surgiu então uma divisão equivocada comumente utilizada, sendo os Tupi rotulados como indígenas que tinham mais facilidade para constituir alianças com os europeus. Aos Tapuio, geralmente era atribuída a dificuldade de contato.

Dito isso, ressalta-se que há diversas obras históricas que abordam uma expressiva presença de povos Tapuio em parte das terras piauienses, a exemplo da obra *Cronologia Histórica do Estado do Piauí* (1974), da autoria de Francisco Augusto Pereira da Costa, a qual ao referir-se ao ano de 1587, afirma ser deste ano a notícia mais remota que se tem do Piauí. Esta teria sido escrita por Gabriel Soares de Sousa, que no seu *Tratado descritivo do Brasil* (1587) mencionava o rio Parnaíba como Rio Grande dos Tapuias.

Na obra *O índio no território piauiense: Ensaio de monografia histórica* (1953), da autoria de Joaquim Chaves (Monsenhor Chaves), ao mencionar o conhecimento e a visão que as autoridades tinham a respeito das terras do Piauí nas primeiras décadas do século XVIII, descreve-se uma grande extensão de terras desconhecidas, sem definições de fronteiras e povoadas por tapuias bravos, os quais lutavam contra outros indígenas e contra os brancos invasores.

Na publicação *Resistência dos indígenas à conquista e povoamento da terra: a guerra dos bárbaros* (1962), Studart Filho afirma que os Tapuio que povoaram o Ceará, estado que se interliga ao norte do Piauí através da Ibiapaba, estavam subdivididos nos grupos Cariri, Tarariú, Tremembé e Jê. Quanto ao território piauiense, além dos Tremembé, a historiografia local



constantemente menciona os Acroá e os Cupinharões, além de diversos grupos pertencentes ao ramo Cariri.

Grande parte dos povos Tapuio que habitaram o Piauí viviam principalmente ao longo da extensão do rio Parnaíba, junto ao território maranhense, seguindo por uma extensa faixa que vai do litoral à foz do rio Gurguéia, no atual sul do estado.

Mesmo com esta vasta presença Tapuia no Piauí, os relatos dos “trancos velhos” da região de Nazaré orientam para a ideia de que os Tapuio que chegaram nas imediações da localidade seriam provenientes de Pernambuco, tendo adentrado a região pelo Ceará através da Ibiapaba, assim como os Tabajara.

Dada a diversidade de grupos apontados como Tapuios e às imprecisões históricas, permanece uma lacuna quanto a qual (ou quais) desse(s) grupo(s) os indígenas Tapuio da região de Nazaré seriam provenientes. Desse modo, os povos adotaram a denominação dentro de um contexto mais abrangente. Na denominação da APIN e do território indígena coloca-se junto a palavra Tapuio o vocábulo Itamaraty, este último, em referência ao primeiro nome atribuído à comunidade Nazaré.

Os relatos dos indígenas Tapuio, os quais se baseiam no eco das vozes de seus antepassados, convergem com a História escrita, assim como os relatos dos Tabajara. A obra *povoamento do Nordeste Brasileiro* (1937), da autoria de Pompeu Sobrinho, menciona uma vasta presença de indígenas Tapuio na serra da Ibiapaba, inclusive convivendo harmonicamente com os Tabajara.

Para além da Serra da Ibiapaba como porta de entrada, a origem dos indígenas Tapuio de Nazaré se assemelha às raízes dos



Tabajara da comunidade, pois os mesmos em seus relatos rememoram uma indígena que também teria sido capturada “a dente de cachorro”, como menciona dona Antônia Péta, indígena Tapuio, ao narrar que sua mãe sentava ela e seus irmãos em uma esteira de trançado de palha e contava a história de sua bisavó, a qual havia sido “pega a dente de cachorro” e presa em um quarto até que “amansasse”.

Habitando nas imediações de Nazaré, esses indígenas sempre tiveram um modo de vida diferenciado, mais reservado e com as relações mais estreitas dentro do seio familiar, vivendo também na comunidade adjacente de nome Riachão.

Antonio Alves



Imagem 15 - Chico Pedro, indígena Tapuio

No processo de resgate histórico, toda a comunidade indígena da região de Nazaré se encaminhava para consolidar-se como Tabajara, porém o Senhor Chico Pedro rompeu um silêncio histórico e fez ressoar a voz dos indígenas Tapuio.

De acordo com o cacique Henrique Manoel, no momento em que foi apresentado o trabalho do resgate histórico feito junto à comunidade, o senhor Chico Pedro afirmou que ele e seus familiares seriam indígenas Tapuio. A reivindicação da identidade de seu



Chico Pedro e de sua família como indígenas Tapuio tem um sólido amparo na memória coletiva de seu povo.

Ao afirmar sua identidade indígena, o senhor Chico Pedro conta que a sua Bisavó foi uma “índia” “pegada a dente de cachorro”, afirmando ainda que devido os seus antepassados serem indígenas, ele é “índio” também. Ele narra que os mais velhos sempre falavam no assunto dos Tapuio e que os ouviu contar esses fatos e hoje os narra da mesma forma.

Desse modo, em Nazaré e localidades circunvizinhas, nem mesmo o forte silêncio que pairava não impediu esses povos de compartilharem suas histórias entre si. Maria Gorete, indígena Tapuio, afirma que os mais velhos sempre pediam para que não se comentasse sobre o fato de serem indígenas, porém, dentro do ciclo familiar, o assunto era tratado com frequência.

Frente a tantos desafios superados e diante de muitos anseios, a região de Nazaré abriga os indígenas Tapuio, os quais, juntos com os Tabajara, se organizam enquanto uma só coletividade. Apesar das denominações diferentes, os dois povos se unem em torno dos mesmos objetivos, fortalecendo assim o ressoar das vozes indígenas do Piauí.

2.3 O Museu Indígena Anízia Maria (Mia Maria)

O Museu indígena Anízia Maria tem grande significado para a comunidade Nazaré e região. O mesmo é considerado um espaço de preservação e manutenção da história dos povos indígenas Tabajara e Tapuio, pois além de receber visitantes,



O ressoar das vozes que romperam o silêncio: aspectos históricos e culturais dos povos indígenas Tabajara e Tapuio de Nazaré

permite às novas gerações da comunidade o conhecimento e a valorização de sua própria história.



Imagem 16 - Nova sede do Museu Indígena Anízia Maria, construída em 2022 pelo Governo do Estado do Piauí.

A composição do acervo do museu indígena de Nazaré começou a ser idealizada a partir dos estudos de Dinayana Kelly, na ocasião em que fazia o Curso Técnico em Hospedagem com Ênfase em Turismo Rural na EFASA, em 2016.

A participação da comunidade no II Fórum Nacional de Museus Indígenas do Brasil, realizado em Buíque, Pernambuco, em 2016, foi um outro fator que fortaleceu a materialização do museu. Nesse evento, os indígenas da região de Nazaré foram representados por Antônia Maria do Nascimento e Antônia Maria da Silva, do povo Tabajara, e por Maria Gorete de Sousa da Mata, do povo Tapuio.



O ressoar das vozes que romperam o silêncio: aspectos históricos e culturais dos povos indígenas Tabajara e Tapuio de Nazaré

Os povos se organizaram e então passaram a compor um pequeno acervo através de doações de moradores e de achados arqueológicos encontrados na região, conseguindo organizar as peças em uma casa, a antiga residência do senhor Antonio Niza, filho de Anízia Maria. Em fevereiro de 2017, o museu foi implantado e começou a receber as primeiras visitas.



Imagem 17 - Sede do Museu Indígena Anízia Maria, cedida pela Obra Kolping da comunidade Nazaré.

Posteriormente, as peças tiveram que ser removidas para um quarto doado pelo senhor João Inácio, que ficava em sua própria residência. Deste local, o acervo foi transferido para um espaço cedido pela Obra Kolping da comunidade Nazaré.

Atualmente (início de 2023) os indígenas aguardam a conclusão da obra da nova sede do museu, localizada a poucos



metros da oca, espaço onde acontecem as reuniões e as rodas de Toré. Após a conclusão da obra, as peças serão transferidas do espaço que foi cedido pela Kolping de Nazaré para a nova sede.

O acervo do museu é composto por uma diversidade de objetos, a exemplo de utensílios domésticos antigos, peças de cerâmica, artigos relacionados à cultura indígena, antigas ferramentas de trabalho, peças de artesanato de trançados de palhas, além de achados arqueológicos encontrados na região. Parte das peças foram doadas por moradores da região.



Antonio Alves

Imagem 18 - Roda de madeira movida manualmente para girar uma bola de serrar mandioca.



Antonio Alves

Imagem 19 - Utensílios domésticos antigos.



Antonio Alves

Imagem 20 - Resto de objeto cerâmico encontrado nas imediações de Nazaré.



Antonio Alves

Imagem 21 - Maracás feitos de cabaça e de coco.



O ressoar das vozes que romperam o silêncio: aspectos históricos e culturais dos povos indígenas Tabajara e Tapuio de Nazaré

Além do acervo material, o museu também dispõe de arquivos audiovisuais. São áudios e filmagens com entrevistas dos “truncos velhos da comunidade”, onde é contada a história dos povos indígenas da região. É possível visitar o site do museu através do endereço <https://museumiamaria.wordpress.com/>.

Tanto o Museu indígena Anízia Maria, quanto os povos de Nazaré e região, ganharam bastante visibilidade por conta da realização do III Fórum Nacional de Museus Indígenas do Brasil. O evento foi realizado no período de 19 a 21 de outubro de 2017 na comunidade Nazaré.



Antonio Alves

Imagem 22 - Banner de divulgação do III Fórum Nacional de Museus Indígenas do Brasil. (Acervo do Museu Indígena Anízia Maria).



O ressoar das vozes que romperam o silêncio: aspectos históricos e culturais dos povos indígenas Tabajara e Tapuio de Nazaré

Este evento teve grande relevância no processo de fortalecimento da luta dos povos indígenas do Piauí. O fórum foi organizado pela Rede Indígena de Memória e Museologia Social do Brasil e pela Associação dos Povos Indígenas Tabajara e Tapuio Itamaraty da Comunidade Nazaré (APIN).



Imagem 23 – Participantes do III Fórum Nacional de Museus Indígenas do Brasil. (Rede Indígena de Memória e Museologia social do Brasil).

Disponível em: <https://museumiamaria.wordpress.com/2018/08/29/iii-forum-nacional-de-museus-indigenas-no-brasil/>

Além da organização, o evento contou com o apoio de instituições como a Obra Kolping do Piauí, Universidade Estadual do Piauí – UESPI, Prefeitura Municipal de Lagoa de São Francisco, UFPI, Museu do Índio, Fundação Nacional de Assistência ao Índio – FUNAI, Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Etnicidade/Universidade Federal de Pernambuco (NEPE-



UFPE), Rede Cearense de Museus Comunitários, Governo do Estado do Piauí, dentre outros segmentos.

O fórum de museus proporcionou diversos momentos de trocas de experiências entre indígenas do Piauí, de outros estados do Brasil e de representantes do México. Durante o evento ocorreram rodas de conversas, palestras, apresentações culturais, rituais indígenas, oficinas, entre outras atividades.

Os museus indígenas, a exemplo do Museu Indígena Anísia Maria, devem ser compreendidos como um importante espaço de fortalecimento da luta desses povos, além de servir de base para a história daqueles que por muito tempo foram silenciados, dados como extintos, mas que vêm ressurgindo no Piauí e em outras partes do Brasil e do mundo.

Refletindo...

- Com base na leitura deste capítulo, destaque os principais pontos em comum que podem ser encontrados no processo de resgate histórico dos indígenas Tabajara e Tapuio de Nazaré.
- A partir das informações apresentadas, aponte a relevância do Museu Indígena Anísia Maria no que diz respeito ao fortalecimento da história e da cultura dos indígenas da região de Nazaré.



CAPÍTULO
03

Aspectos geográficos da região de Nazaré

3.1 Localização da região de Nazaré

A região de Nazaré, já pertenceu ao município de Pedro II - PI, mas hoje faz parte do município de Lagoa de São Francisco - PI. Com a criação da nova municipalidade desmembrada dos territórios de Piriipiri e Pedro II, Lagoa de São Francisco, antes um povoado denominado Lagoa dos Cláudio, foi emancipada por meio da lei nº 4.680/94, porém, essa emancipação se consolida de modo mais efetivo no ano de 1997, após a posse dos eleitos nas eleições municipais de 1996.

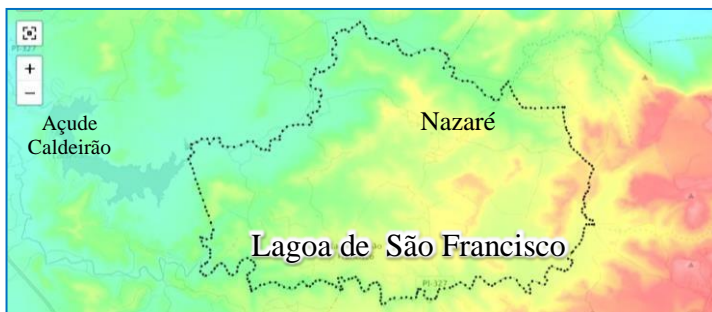


Imagem 24 - Mapa Topográfico do município de Lagoa de São Francisco. (Adaptado pelo autor).

Nas proximidades da comunidade Nazaré, também estão situadas as localidades Engano de Baixo e Riachão. Esses



O ressoar das vozes que romperam o silêncio: aspectos históricos e culturais dos povos indígenas Tabajara e Tapuio de Nazaré

povoados estão localizados em uma região serrana que conta com uma **altitude** média de cerca de 440 metros.

Essa cadeia montanhosa, apesar de oscilar na altitude, está ligada à Ibiapaba através de várias elevações situadas no vizinho município de Pedro II, conforme apresentado no mapa topográfico a seguir.

*A **altitude** corresponde à elevação, no sentido vertical, entre o nível do mar e um determinado ponto.*



Imagem 25 - Mapa topográfico de Lagoa de São Francisco e região. (Adaptado pelo Autor)

No mapa acima (imagem 25) é possível observar que a região de Nazaré está localizada em uma área montanhosa que se liga a outros tipos de elevações. Por mais que as mesmas oscilem em altitude, esse conglomerado de serras, morros e encostas está unido à Serra da Ibiapaba, a qual tem estreitas relações comerciais com o Piauí, principalmente com a região



norte do estado, onde está situado o município de Lagoa de São Francisco.

Para os Indígenas de Nazaré, a região da Serra da Ibiapaba tem para com os seus povos uma relação ancestral, pois a mesma teria sido a porta de entrada para os indígenas que seguiam dos áridos sertões para as terras mais úmidas. Por ser uma região rica em fontes de água e alimentação, a Serra Grande e suas adjacências ofereciam todas as condições para a sobrevivência de grupos indígenas, fato é que ali se estabeleceram os Tabajara.

Além dos Tabajara, os indígenas Tapuio, os quais são advindos de uma região onde atualmente está localizado o estado de Pernambuco, também teriam chegado à região de Nazaré através da Serra da Ibiapaba.

3.2 Relevo e hidrografia

A região de Nazaré está situada sobre uma elevação geográfica, uma espécie de **chapada** com relevo plano e altitude que varia entre 400 a 460 metros. No entorno dessa superfície plana e elevada existem diversas ondulações que formam encostas e prolongamentos residuais de chapadas.

Chapada é uma área elevada com topo moderadamente plano.

Nesses desníveis há encostas acentuadas com altitudes com variações de 250 a 460 metros. O mapa a seguir (imagem 26) apresenta a região central de Nazaré, onde a mesma está situada sobre uma superfície cercada por encostas. A legenda à



O ressoar das vozes que romperam o silêncio: aspectos históricos e culturais dos povos indígenas Tabajara e Tapuio de Nazaré

direita do mapa mostra as cores correspondentes à altitude de cada elevação, assim como a altitude em metros equivalente a cada cor.

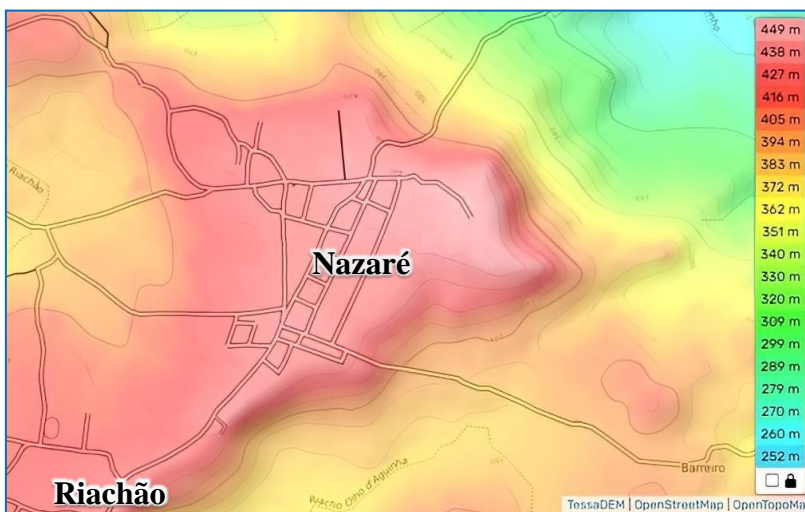


Imagem 26 - Mapa topográfico da localidade Nazaré.

Disponível em: <https://pt-br.topographic-map.com/map-xsc6/Lagoa-de-S%C3%A3o-Francisco/?center=4.34337%2C41.55459&zoom=15&base=2&popup=4.33376%2C-41.58503>

Tanto nas proximidades da localidade Riachão, quanto na região do Engano de Baixo e da Chã, os acidentes geográficos possuem elevações e desníveis similares aos que são tipicamente encontrados na localidade Nazaré, apresentando apenas algumas variações.

As elevações no relevo das proximidades do povoado Riachão chegam a atingir cerca de 430 metros de altitude, sendo



O ressoar das vozes que romperam o silêncio: aspectos históricos e culturais dos povos indígenas Tabajara e Tapuio de Nazaré

estas contornadas por encostas e declives com altitude a partir dos 220 metros, aproximadamente.

Já na região do Engano e da Chã, podem ser encontrados acidentes geográficos a partir de encostas que apresentam altitudes com variações entre 250 e 460 metros.

Essa configuração geográfica proporcionou a formação e a passagem de riachos ao longo da região de Nazaré, com destaque para os seguintes: Riacho Curralinho, Riacho Olho D'aguinha e Riacho Riachão.

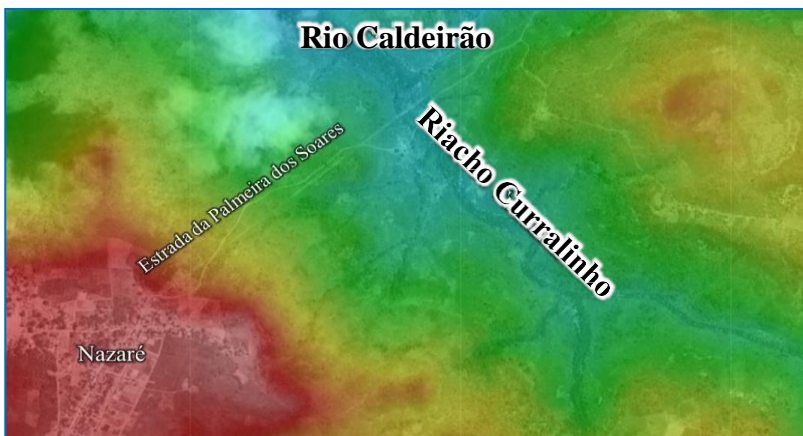


Imagem 27 - *Localização do Riacho Curralinho* (Adaptado pela Autor).

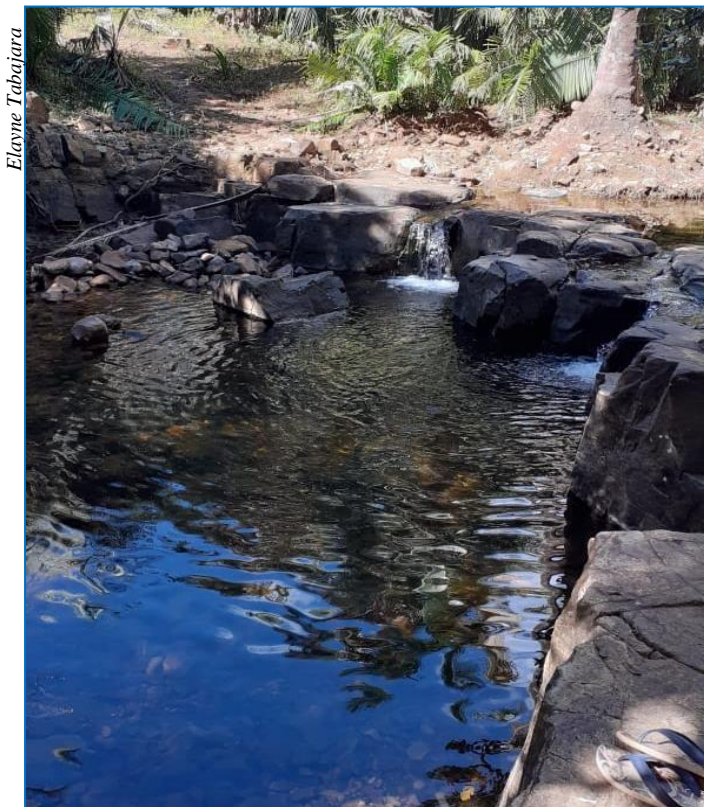
Disponível em: <https://pt-br.topographic-map.com/map-xsc6/Lagoa-de-S%C3%A3o-Francisco/?center=-4.30647%2C-41.5797&zoom=13>

O **Riacho Curralinho** nasce junto ao Olho D'água dos Canhobas e ao longo do seu curso é abastecido pelos olhos d'água Taipu, Cedro e Curralinho. Esse riacho passa ao leste da localidade Nazaré, cruza a estrada que dá acesso à comunidade



O ressoar das vozes que romperam o silêncio: aspectos históricos e culturais dos povos indígenas Tabajara e Tapuio de Nazaré

Palmeira dos Soares no sentido sul/norte e mais adiante deságua no Rio Caldeirão.



Elayne Tabajara

Imagem 28 - Riacho Currealinho.

Até o início dos anos 2000, o Currealinho foi uma das principais fontes de abastecimento de água utilizada pelos moradores da região de Nazaré.



O ressoar das vozes que romperam o silêncio: aspectos históricos e culturais dos povos indígenas Tabajara e Tapuio de Nazaré

O **Riacho Olho D’aguinha** nasce nas encostas do lado oeste da Serra Sinhá, ao leste da comunidade Riachão. Este Riacho deságua no Riacho Riachão, ao sul da localidade de mesmo nome. A serra onde nasce o Olho D’aguinha tem em seu topo uma altitude de mais de 500 metros.



Imagem 29 - Localização do Riacho Olho D'aguinha e do Riacho Riachão (Adaptado pelo autor)

Disponível em: <https://pt-br.topographic-map.com/map-xsc6/Lagoa-de-S%C3%A3o-Francisco/?center=-4.39297%2C-41.59887>

O **Riacho Riachão** nasce em uma região denominada Pata. Ao longo do seu curso, o mesmo é fortalecido, recebendo as águas do riacho Olho D’aguinha. Logo em seguida, o Riachão cruza a estrada que dá acesso às comunidades vizinhas Córrego e Nazaré.



Na imagem anterior (imagem 29) é possível observar no mapa o encontro dos riachos Olho D'aguinha e Riachão. Durante a quadra chuvosa, que compreende os meses de janeiro, fevereiro, março e abril, as cheias desses riachos se intensificam.

Além dos três riachos mencionados (Currallinho, Olho D'aguinha e Riachão), a região de Nazaré conta com uma diversidade de olhos d'água em suas imediações, sendo estes os seguintes: Canhobas, Taipu, Cedro, Currallinho, Cambitos, Quatis, Vazante, Olho D'água Velho e Cacimbão.

O relevo da região também proporciona a formação de grotas, que são cavidades em declives que se formam a partir do curso de águas das chuvas, a exemplo da Grota da Bananeira e da Grota dos Quatis.

3.3 Lugares de memória dos indígenas Tabajara e Tapuio de Nazaré

Inicialmente, é importante compreendermos os lugares de memória como espaços materiais ou idealizados, que simbolizam relações entre um indivíduo ou um grupo e um determinado local.

Nestes lugares de memória há marcas dos antepassados dos povos indígenas da região de Nazaré, tanto dos Tabajara, quanto dos Tapuio. Contemplar esses espaços nos próprios locais, ou em forma de lembranças, ao tempo em que fortalece a história, proporciona a formação e o fortalecimento de elos entre o passado e o presente.



Os principais lugares de memória que possuem conexões com os indígenas da região de Nazaré são os seguintes: Riacho Curralinho, Riacho Riachão e localidade de mesmo nome, região da Chã, Pilão de Pedra dos Índios, Olho D'água do Cedro, Cemitério Indígena, Olho D'água do Taipu e Bananeira dos Índios.

O **Riacho Curralinho** é uma das principais fontes de água de Nazaré e região. Até o início dos anos 2000, grande parte dos habitantes das redondezas se abasteciam nessa fonte. Nas primeiras horas da manhã e no final da tarde, diversos grupos de moradores seguiam em direção ao riacho com baldes, cabaças, também levando ancoretas em lombo de jegue para buscar água.



Elayne Tabajara

Imagem 30 - Riacho Curralinho



O ressoar das vozes que romperam o silêncio: aspectos históricos e culturais dos povos indígenas Tabajara e Tapuio de Nazaré

O Curralinho, além de fonte de abastecimento de água, por muito tempo também foi frequentemente utilizado para banhos, lavagem de roupas e para dar de beber aos animais. Mantendo essa relação que atravessa os séculos, os povos de Nazaré continuam a preservá-lo.

O **Riachão** é uma comunidade situada próximo a localidade Nazaré. Ali vivem algumas famílias de indígenas Tapuio. Essa região abriga um local que já foi uma importante fonte de água para a localidade, o Olho D'água Bacupari. Segundo moradores da comunidade, a palavra que dá nome a essa fonte significa “fruta de cerca”.



Imagem 31 - Riacho Riachão na época das cheias

Disponível em: <https://museumiamaria.wordpress.com/lugares-da-memoria-2>

A localidade tem relação com o Riacho Riachão. Essa fonte de água atravessa a estrada que liga as localidades Córrego



e Nazaré em uma estrutura que é um misto de ponte e passagem molhada.

A **Chã**, segundo relatos dos “troncos velhos” de Nazaré, é uma terra muito fértil. O local foi povoado por um grupo indígena de etnia desconhecida denominado Cadóis Cabeludo, ou Codó Cabeludo, como pronunciam alguns moradores da região. O grupo também habitou na região do Cedro.

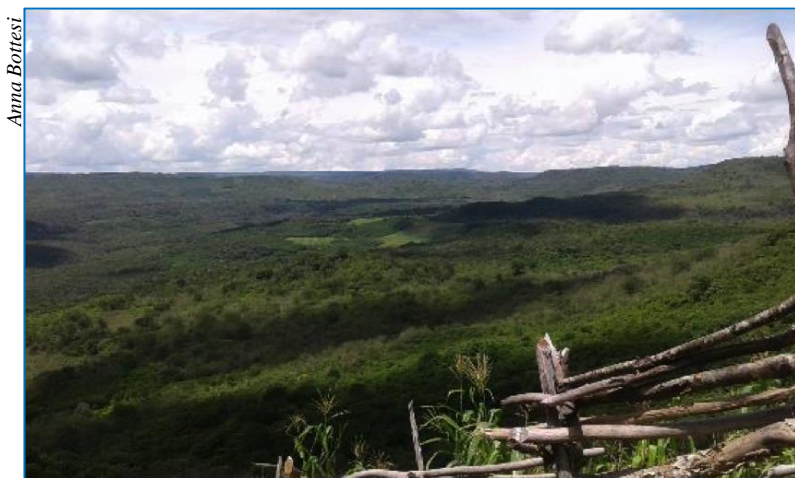


Imagem 32 - Região da Chã

Disponível em: <https://museumiamaria.wordpress.com/lugares-da-memoria-2/>

Por já está instalada na região, a família Sinésio, do povo Tabajara, teria entrado em confronto e expulsado o grupo. Em um ato de vingança, os Cadóis Cabeludo (Codó Cabeludo) teriam destruído uma casa de farinha da região.



Durante a ação, o grupo ainda teria enterrado as pedras do forno de fazer farinha, as quais nunca foram encontradas.

Um outro lugar de memória que merece destaque é o **Pilão de Pedra dos “Índios”**, que está localizado próximo a um local denominado Tucuns. Os indígenas mais antigos utilizavam com frequência esse pilão para triturar alguns tipos de alimentos, como por exemplo, coco babaçu, café e milho.

Esse é um local de memória que tem uma maior relação com os povos indígenas Tapuio que hoje vivem na região do Riachão.

O Pilão de Pedra dos “Índios” está situado em uma região de difícil acesso. Trata-se de uma cavidade esculpida de modo natural sobre uma rocha em uma encosta.

Henrique Manoel



*Imagem 33 - Pilão de Pedra dos “Índios”.
(Acervo do Museu Indígena Anízia Maria).*



Mesmo em meio à industrialização dos alimentos e com a popularização de diversos utensílios domésticos, em um movimento ancestral, ainda há moradores da região que se dirigem a esse pilão para “pisar” o coco babaçu para ser usado no preparo do beiju de massa de mandioca.

Elayne Tabajara

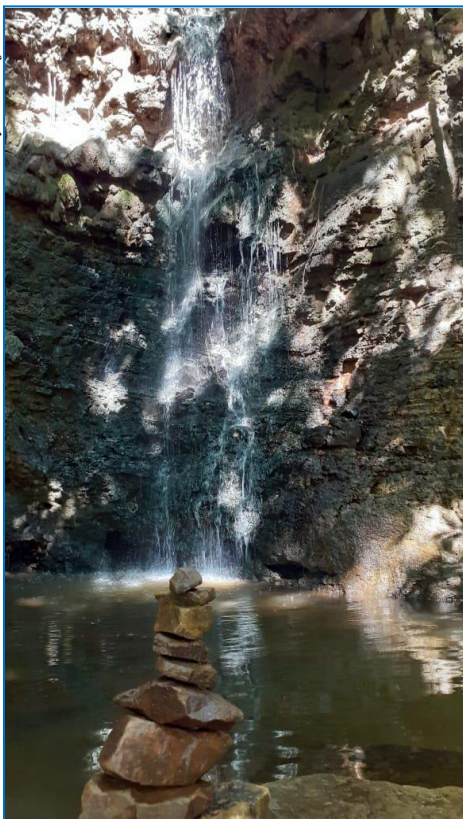


Imagem 34 - Cachoeira do Olho D'água do Cedro

Já tendo sido uma importante fonte para abastecimento de água da região, o **Olho D'água do Cedro** também é considerado um lugar de memória. As águas desse manancial formam a Cachoeira do Cedro.

Próximo dessa fonte podem ser encontradas várias evidências da presença dos antepassados dos indígenas de Nazaré, como o **Cemitério** e as **Bananeiras dos “Índios”**, frutíferas que foram plantadas pelos indígenas mais antigos.



O ressoar das vozes que romperam o silêncio: aspectos históricos e culturais dos povos indígenas Tabajara e Tapuio de Nazaré



Elayne Tabajara

Imagem 35 - Olho D'água do Taipu.

É perceptível que muitos lugares de memórias estão ligados a fontes de água. O **Taipu**, por exemplo, é um olho d'água que abastece muitos moradores das regiões do Córrego e

do Nazaré. Atualmente, há no local uma espécie de tanque que transborda, retendo apenas parte da água corrente dessa fonte.

O **Cemitério Indígena** abriga os restos mortais de ancestrais indígenas da comunidade. O mesmo está localizado próximo ao Olho D'água do Cedro e às Bananeiras dos “Índios”.



Elayne Tabajara

Imagem 36 - Cemitério Indígena



O ressoar das vozes que romperam o silêncio: aspectos históricos e culturais dos povos indígenas Tabajara e Tapuio de Nazaré

O mapa abaixo (imagem 37) traz os principais lugares de memória que reconectam os povos indígenas Tabajara e Tapuio da região de Nazaré com o seu passado e com as suas ancestralidades.



Imagem 37 - Mapa dos lugares de memória relacionados aos indígenas da região de Nazaré.

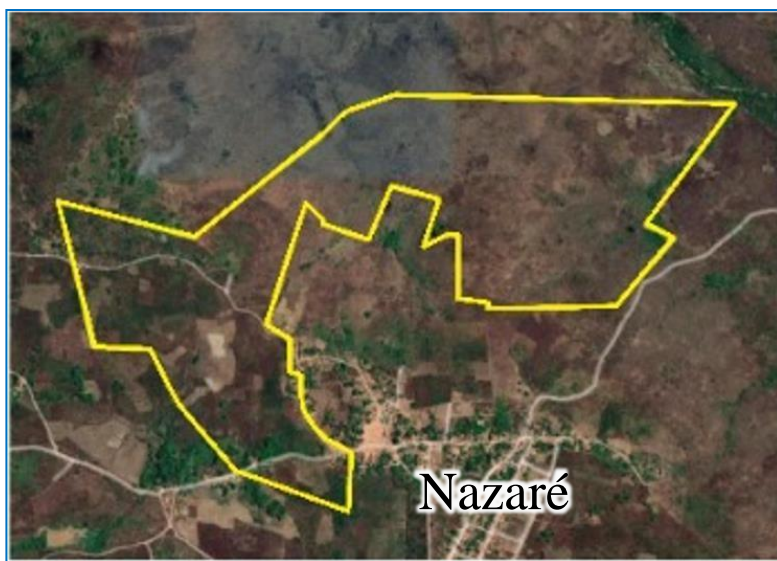
3.4 O Território indígena de Nazaré (Morro Belo)

Com o título de terra entregue pelo Governo do Estado do Piauí no mês de abril de 2022, o território indígena de Nazaré, também conhecido como Morro Belo, está localizado nas proximidades da comunidade. A cessão e a posse desse território foi uma grande conquista para os povos indígenas Tabajara e Tapuio que vivem nessa região.



Por mais que corresponda a apenas parte das terras que lhes foram tiradas ao longo da história, essa demarcação veio através de muito diálogo entre os indígenas da região de Nazaré e as autoridades do Governo do Estado. As ações foram articuladas principalmente por meio do Instituto de Terras do Piauí - INTERPI.

O território indígena demarcado corresponde a uma área de 160 hectares. As famílias dos Tabajara e dos Tapuio utilizam parte das terras para produção de alimentos por meio da agricultura familiar, havendo também dentro do território áreas de preservação.



*Imagem 38 – Mapa do território indígena de Nazaré.
(ASCOM – Governo do Estado do Piauí).*



O ressoar das vozes que romperam o silêncio: aspectos históricos e culturais dos povos indígenas Tabajara e Tapuio de Nazaré

A comunidade de Nazaré foi a terceira comunidade indígena do Piauí a receber a posse da terra doada pelo poder público estadual. Anteriormente, os Kariri da Serra grande, no município de Queimada Nova, em abril de 2021, e os Tabajara, no município de Piriipiri, em fevereiro de 2022, já haviam recebido os títulos de posse dos seus territórios.



Imagem 39 - Placa do território indígena de Nazaré. (ASCOM – Governo do Estado do Piauí).

Étilda Lopes



Figura 40: Solenidade de entrega do título de terra aos indígenas de Nazaré.

A entrega do título de propriedade seguiu um conjunto de normas jurídicas até ser concedido para os indígenas, a exemplo da Lei Estadual nº 7.294/2019, a qual dispõe sobre a política



estadual de regularização das ocupações exercidas sobre terras públicas e devolutas pertencentes ao Estado do Piauí.

O embasamento legal que concedeu o título também se deu em obediência à Lei Estadual 7.389/2020, a qual reconhece formal e expressamente a existência de povos indígenas nos limites territoriais do estado do Piauí.

Élida Lopes



Figura 41: Governadora Regina Sousa, Maria Gardênia (presidente da APIN), Cacique Henrique Manoel e Chico Lucas (Presidente do INTERPI), no momento da entrega do título da terra.

Terra, água, saúde e educação têm sido as principais bandeiras de luta dos indígenas da região de Nazaré. A posse desse território lhes proporciona um momento de reparação histórica, trazendo de volta a dignidade de ter uma terra para trabalhar, sendo um local próprio para viver, produzir e preservar.

Refletindo...

- Com base na leitura deste capítulo, identifique possíveis relações entre a localização geográfica da região de Nazaré e a história dos Tabajara e dos Tapuio da comunidade.
- Discuta com os seus colegas e com o (a) professor (a) a respeito da importância dos lugares de memória para os povos indígenas da região de Nazaré.



CAPÍTULO
04

Arte e Cultura dos indígenas da região de Nazaré

4.1 Artesanato com trançado de palha

O artesanato com trançado de palha é uma forte herança dos antepassados dos indígenas de Nazaré. A principal matéria prima utilizada na produção das peças é a palha das palmeiras de babaçu, a qual é encontrada em abundância na região.



Imagem 42 - Abanos e arupembas



Imagem 43 - Cesto de palha de palmeira



Imagem 44 - Esteira



Imagem 45 - Cofa



Essas peças têm grande utilidade, principalmente no uso doméstico e nas atividades ligadas à produção agrícola. Os cestos, por exemplo, são usados para guardar objetos e coletar alimentos. As esteiras, por sua vez, além de secar ao sol os grãos como feijão e arroz, já foram muito usadas para as pessoas se sentarem ao chão, principalmente na hora das refeições.

Durante a colheita do feijão, do milho, do arroz e de outras produções, os cofos são muito utilizados. As arupembas também fazem parte da lida diária, com exemplo, na seleção de grãos para a venda ou para o consumo. Já os abanos, são indispensáveis na hora de acender ou avivar o fogo do fogão a lenha ou do fogareiro.



Antonio Alves

Imagem 46 - Surrão



Antonio Alves

Imagem 47 – Cesto com tampa

O surrão serve para transportar as produções agrícolas das roças até a residência dos agricultores, assim como para armazenar as produções por um determinado período. Quanto ao



O ressoar das vozes que romperam o silêncio: aspectos históricos e culturais dos povos indígenas Tabajara e Tapuio de Nazaré

cesto, o mesmo é um utensílio usado para guardar diversos objetos em casa.

4.2 Pinturas corporais

As pinturas corporais são uma importante manifestação identitária que vem sendo praticada pelos povos indígenas Tabajara e Tapuio da região de Nazaré após a aquisição dessa prática junto a outros parentes. Na comunidade há muitos jovens indígenas que realizam pinturas corporais, atuando tanto no preparo das tintas, quanto no desenho dos traços sobre a pele.

Anna Bottesi



Imagem 48 - Pintura corporal à base de urucum.

Disponível em: <https://museumiamaria.wordpress.com>

Elayne Tabajara

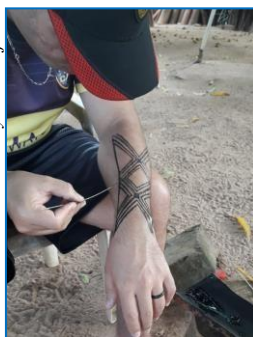


Imagem 49 - Pintura corporal à base de Jenipapo.

No processo de produção da tinta de pigmentação avermelhada, a matéria prima utilizada é o urucum, também conhecido na região como corante. As sementes do urucum são



trituradas e umedecidas até se chegar a uma consistência adequada para a realização das pinturas.

Para a produção da tinta de cor preta, utiliza-se o jenipapo verde, fruto do jenipapeiro. Inicialmente a fruta é ralada e depois é espremida para que se obtenha um líquido de cor escura.

As tintas de tom avermelhado, também podem ser obtidas a partir da extração do pó de um tipo de pedra encontrada na região, a qual tem uma coloração semelhante ao urucum, porém, com uma tonalidade mais branda.

Elayne Tabajara



Imagem 50 - pintura corporal.

Anna Bottesi



Imagem 51 - sementes de urucum.

Anna Bottesi



Imagem 52 – Realização de pintura corporal.



4.3 Os rituais

Os povos indígenas de Nazaré, mesmo em meio ao silenciamento que lhes foi imposto, mantiveram alguns rituais praticados por seus antepassados, a exemplo das rezas de cura, prática até hoje bastante comum na região. Além dos rituais mantidos, outros vêm sendo praticados após a partilha de saberes junto a outros parentes, como é o caso do Toré, um misto de canto, dança e de conexão com o sagrado.

4.3.1 Rezas, práticas de cura e outros saberes

As rezas e práticas de cura foram um importante elemento para a manutenção da identidade indígena dos Tabajara e Tapuio de Nazaré, fato é que nos dias atuais é notória a presença de rezadores e rezadeiras na região.

Atualmente, ainda é muito comum as pessoas da região e de outros locais recorrerem a essas práticas. Aqueles que procuram as rezas buscam a cura para as suas enfermidades e também solucionar problemas como plantações afetadas por pragas de insetos, assim como mazelas que afetam animais.

As curas buscadas, geralmente estão relacionadas às seguintes doenças: dor de dente, dor de garganta, “espinhela caída”, convulsões em crianças, entre outras enfermidades de maior gravidade. “Quebrante”, “mau olhado”, engasgo, espinha de peixe atravessada na garganta e cisco no olho também são motivos para a busca por rezas.



As formas de rezar se dão de diferentes formas, variando conforme os costumes do rezador ou da rezadeira, ou até mesmo de acordo com a enfermidade da pessoa. Independente da doença ou do modo de rezar, para que a cura aconteça um fator é indispensável: a fé de quem procura.

Além das orações, nas práticas de cura são utilizados materiais diversos, tais como terços, rosários, velas, água, cipós com folhas verdes, galhos de pião roxo, vassourinha (planta), agulhas virgens, fios de algodão, entre outros artefatos.

Até por volta do início dos anos 1980, quando os serviços de saúde eram precários e escassos, era comum as mães darem à luz aos seus filhos em suas próprias casas. Assim, as parteiras exerciam um papel primordial ao trazerem as crianças ao mundo e ao cuidarem da saúde das mães. Além de colocar em prática seus saberes referentes ao parto, essas mulheres faziam orações e utilizavam ervas e chás no decorrer do procedimento.

Uma outra importante herança dos antepassados dos indígenas de Nazaré é o uso da medicina caseira. Mesmo em meio a popularização do uso de fármacos, o cultivo de plantas medicinais é uma prática muito comum, assim como o uso de garrafadas feitas a partir de raízes, cascas ou sementes de plantas encontradas nas matas da região.

4.3.2 O Toré

O Toré, ritual sagrado praticado pelos indígenas Tabajara e Tapuio da região de Nazaré, trata-se de um misto de canto e dança, podendo ser compreendido como um momento de



fortalecimento das energias positivas e descarrego das energias negativas daqueles que participam.

Nesse ritual, a presença dos encantados, que são os ancestrais indígenas que já faleceram, pode ser sentida. Nesse momento de contato com o sagrado, as pessoas se reúnem para agradecer, pedir força, cantar e dançar.

Na oca da comunidade Nazaré, os indígenas se juntam nos finais das tardes de sábado para dançar o toré. Todos podem participar do ritual, crianças, jovens, adultos, idosos, assim como os visitantes.

Elayne Tabajara



Figura 53 - Roda de Toré na oca de Nazaré.

Durante a roda de Toré, para acompanhar os cantos, são utilizados instrumentos de percussão como o tambor e os maracás. Durante o ritual, os indígenas costumam servir duas



bebidas sagradas: o mocororó, feito à base de caju, e a água de casca jurema, extraída de uma árvore encontrada na região.

Muitos dos cantos entoados no Toré são compostos pelos próprios indígenas através da força dos encantados, sendo utilizados também, os cantos de outros povos. Esses cantos fazem referências aos antepassados, fortalecem espiritualmente os povos para as lutas diárias, assim como pode proporcionar momentos de cura por meio da presença da encantaria.

4.4 Os encantados

Os Encantados são indígenas que já partiram desse mundo, mas continuam presentes na natureza. Os povos de Nazaré acreditam que os Encantados ajudam as pessoas que precisam de algum auxílio. Os rezadores e as rezadeiras recebem a força da encantaria para realizar uma cura. Tanto os Tabajara, quanto os Tapuio, acreditam muito nessa força, a qual está sempre fortalecendo-os.

Os povos da região de Nazaré acreditam que nessa vida se nasce, se luta e se morre, mas as pessoas não desaparecem totalmente do meio. Por mais que não seja possível ver os Encantados, os indígenas sentem a presença dos mesmos.

Refletindo...

- Com base na leitura desse capítulo, identifique os principais aspectos relacionados à arte e à religiosidade dos indígenas de Nazaré e região.



CAPÍTULO
05

História e cultura em versos e cantos

5.1 Versos e rimas

Alguns indígenas da região de Nazaré usam versos e rimas para contarem um pouco da história dos seus antepassados, buscando também enaltecer os recursos naturais da região.

Poema que narra a origem da comunidade Nazaré

Vitória Araújo
Lucinete Nascimento (Tabajara)

*Fugindo da grande seca
Vieram do Ceará,
Cadôis e Cabeludos
Não sabiam o que iam encontrar,
Terra fértil e água corrente
Lugar bom pra se morar.*

*Tamanha surpresa
Tiveram ao aqui chegar,
Pois habitantes indígenas
já estavam nesse lugar,*



*Vivendo e cultivando a terra
Para seu sustento tirar*

*O tempo se passou,
As famílias se misturando,
Filhos foram surgindo
E novas gerações continuando
Com luta e sofrimento
Por aqui foram ficando.*

*Tamanha escravidão
Tiveram que passar,
Negaram a própria história
Para vivos ficar
E mais tarde, com luta e sabedoria,
Passaram a sua história contar.*

*Na memória foram gravadas
As histórias recontadas,
Recriando estratégias
E a nossa origem resgatada.
Esta história se espalhou,
Proporcionando uma nova jornada.*

*Gerações se passaram,
Estudos se aprofundaram,
Resgatando a cultura e a história
De povos que aqui chegaram,
Estudantes e professores
Pela história se interessaram.*



O ressoar das vozes que romperam o silêncio: aspectos históricos e culturais dos povos indígenas Tabajara e Tapuio de Nazaré

*Com união e apoio da comunidade
Uma nova era é iniciada:
O reconhecimento das origens
É por todos almejada,
Queremos ter de volta
As terras de nós tiradas.*

*Uma cultura tão bonita
Que por nós é praticada
Nunca deve ser esquecida
E nem tão pouco abandonada,
Cirandas e rodas de histórias
Por nós sempre serão contadas.*

*A luta se iniciou,
No Piauí o fórum se realizou,
Gente do país inteiro
Também participou,
Trazendo a sua história
Cada um compartilhou.*

*Com a nova geração
Nossa luta perpetua,
Com os Tapuio e os Tabajara
Dançando a luz da lua,
Nossa bonita tradição
Para sempre continua.*



O ressoar das vozes que romperam o silêncio: aspectos históricos e culturais dos povos indígenas Tabajara e Tapuio de Nazaré

Poema que narra a trajetória dos povos indígenas da região de Nazaré

Henrique Manoel (Tabajara)

*Há muito tempo o nosso povo aqui vivia.
Era feliz e tinha tudo que a Mãe Terra oferecia.
A fruta, a caça, a pescaria.*

*Do formigueiro sempre vinha as Tanajuras.
As brincadeiras no terreiro e a noite escura.
No rio, água corrente e as cachoeiras.
Correr na mata era a nossa brincadeira.*

*Tudo acabou quando o branco aqui chegou,
Matando a nossa gente.
O que escapou, ou fugiu ou se escravizou.*

*Cortaram os nossos troncos,
Mas a raiz aqui ficou
E hoje está brotando para resgatar o que sobrou.*

*Da cultura ao nosso chão
Que foi trocado por um pouco de pão
Pra matar a fome daquela gente que não tinha outra opção.*

*Hoje estamos pedindo nossa demarcação
Do Cedro, do Taipu, do Currálinho e do Riachão,
Do Nazaré a Capivara e também o Cercadão,
Terra que era nossa e que tomaram, sem a nossa permissão.*



A sabiá cantou¹

Lucinete Nascimento (Tabajara)

*A sabiá cantou, no pé de goiaba.
Canta, canta sabiá, no pé da goiabeira.
A banana dá no pé, no pé da bananeira.
Ai que banana gostosa, canta a voz da menineira.*

*A sabiá cantou, no pé de goiaba.
Canta, canta sabiá, no pé da goiabeira.
A laranja dá no pé, no pé da laranjeira.
Ai que laranja gostosa, canta a voz da menineira.*

*A sabiá cantou, no pé de goiaba.
Canta, canta sabiá, no pé da goiabeira
A manga dá no pé, no pé da mangueira.
Ai que manga gostosa, canta a voz da menineira.*

*A sabiá cantou, no pé de goiaba.
Canta, canta sabiá, no pé da goiabeira
A cajá dá no pé, no pé da cajazeira.
Ai que cajá gostosa, canta a voz da menineira.*

*A sabiá cantou, no pé de goiaba.
Canta, canta sabiá, no pé da goiabeira.*

¹ Este poema também costuma ser utilizado como canto Toré.



5.2 Os cantos de Toré

Os cantos de Toré proporcionam aos indígenas momentos de contato com o sagrado. Nem sempre é possível apontar uma autoria específica para esses cantos, pois são os Encantados que passam a letra e as referências para os povos, uma vez que os cantos são criações advindas de inspirações da encantaria.

Pisa Ligeiro

Pisa ligeiro, pisa ligeiro.

*Quem não pode com a formiga, não assanha o formigueiro.
E quem não pode com a formiga, não assanha o formigueiro.
E quem não pode com a formiga, não assanha o formigueiro.*

Pisa no mole, pisa no duro.

*A pisada do “índio”, a pisada é segura.
E a pisada do “índio”, a pisada é segura.
E a pisada do “índio”, a pisada é segura.*

Pisa ligeiro, entra na folia,

Quem não pode com o pote, não pega na rudia.

Pisa ligeiro, entra na folia,

*Quem não pode com o pote não pega na rudia.
E quem não pode com o pote não pega na rudia.
E quem não pode com o pote não pega na rudia.*

Pisa ligeiro, pisa ligeiro.

Quem não pode com a formiga, não assanha o formigueiro.



Na Tapera

*Na tapera, ô na tapera,
Onde eu fui governador.
Na tapera, ô na tapera,
Onde eu fui governador.
Ai, ai eu lá, na tapera, ai, ai eu lá.
Na tapera, ai, ai eu lá.
Na tapera, ai, ai eu lá.
Na tapera.*

*Na tapera dos meus pais, onde morou os meus “avôs”
Na tapera dos meus pais, onde morou os meus “avôs”
Ai, ai eu lá, na tapera, ai, ai eu lá.
Na tapera.*

*O meu peito está ferido e o meu sangue derramado,
Mas meus inimigos,
Para mim não valem nada.
O meu peito está ferido e o meu sangue derramado,
Mas meus inimigos,
Para mim não valem nada.*

*Na tapera, ô na tapera,
Onde eu fui governador.
Na tapera, ô na tapera,
Onde eu fui governador.
Ai, ai eu lá, na tapera, ai, ai eu lá.
Na tapera, ai, ai eu lá.
Na tapera, ai, ai eu lá.
Na tapera.*



O ressoar das vozes que romperam o silêncio: aspectos históricos e culturais dos povos indígenas Tabajara e Tapuio de Nazaré

Papagaio verde e amarelo

*Papagaio verde e amarelo
Que cantou na chã da serra.*

*Papagaio verde e amarelo
Que cantou na chã da serra.*

*Canta e voa meu papagaio.
É Deus no céu e os “índios” na terra.*

*Canta e voa meu papagaio.
É Deus no céu e os “índios” na terra.*

Força do toré

*No pé de manga, eu mandei,
Eu mandei lá buscar.
A força do toré, a força do luar.*

*Vamos dançar a noite todinha,
Até o dia clarear.*

*No pé de manga, eu mandei,
Eu mandei lá buscar.
A força do toré, a força do luar.*

*Vamos dançar a noite todinha,
Até o dia clarear.*



O ressoar das vozes que romperam o silêncio: aspectos históricos e culturais dos povos indígenas Tabajara e Tapuio de Nazaré

Rei dos “índios”

*Mas ele é rei dos “índios”,
Ele balança a aldeia.
Ele é chefe de tribo,
Tem a pele vermelha.*

*Tu pisa “cabôco”
Na aldeia de “índio”.
Chegou o rei dos “índios” para trabalhar.
Tu pisa, “cabôco”
Na aldeia de “índio”.
Chegou o rei dos “índios” para trabalhar.*

Força da jurema

*Chama, cabocla de pena.
Eu chamo ela pra vir nos ajudar.
Chama, cabocla de pena.
Eu chamo ela pra vir nos ajudar.*

*Cadê a força da jurema?
Cadê a força que a jurema dá?
Cadê a força da jurema?
Cadê a força que a jurema dá?*

*Ô cabocla de pena, ô cabocla de pena.
Tem pena de mim, tem dó.
Ô cabocla de pena, ô cabocla de pena.
Tem pena de mim, tem dó.*



O ressoar das vozes que romperam o silêncio: aspectos históricos e culturais dos povos indígenas Tabajara e Tapuio de Nazaré

Canto em homenagem aos Codó Cabeludo (Cadóis Cabeludos)

Henrique Manoel (Tabajara)

*O meu cabelo é grande, mas não vou cortar aqui.
O meu cabelo é grande, mas não vou cortar aqui.
Chegou os “Cabôco” da mata, da mata do Piauí.
Chegou os “Cabôco” da mata, da mata do Piauí.*

*O meu cabelo é grande.
O meu Cabelo é grande, enganchou na jurema
É a força das forças é a força da jurema
É a força das forças é a força da jurema*

Refletindo...

- Com base na leitura do **Poema que narra a origem da comunidade Nazaré**, de Vitória Araújo e Lucinete Nascimento, e do **Poema que narra a trajetória dos povos indígenas da região de Nazaré**, de Henrique Manoel, identifique nos textos os aspectos pertinentes à história dos indígenas de Nazaré.

- Releia os Cantos de Toré apresentados nesse capítulo e identifique aqueles que estão relacionados aos seguintes aspectos: conexão com o sagrado e religiosidade, força e resistência dos indígenas, ligação com o passado e exaltação de recursos naturais.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADRIÃO NETO. **Geografia e História do Piauí para Estudantes. Da pré-história à atualidade.** 5 ed. Teresina: Edições Geração 70, 2003.

ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. “**A atuação dos indígenas na História do Brasil: revisões historiográficas**”. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 37, n. 75, 2017.

BAPTISTA, João Gabriel. **Etno-história indígena piauiense.** / João Gabriel Baptista. – 2 ed. – Teresina: APL; FUNDAC; DETRAN, 2009.

BARROSO, Ilana Magalhães. **Emergência étnica indígena, territorialização, memória e identidade do grupo indígena Tabajara e Tapuio da Aldeia Nazaré.** 2018. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Centro de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2018.

BOTTESI, Ana. “**Se esconder para resistir, aparecer para existir**”: autorrepresentação e resgate dos saberes tradicionais no Museu Indígena “Anízia Maria” da comunidade Tabajara e Tapuio de Nazaré, Brasil. 2019. Tese de Doutorado (Curso di Laurea Magistrale in Antropologia Culturale ed Etnologia) - Dipartimento di Culture, Politiche e Società, Università degli Studi di Torino, Torino, 2019.

BRASIL. **Lei 11.645, de 10 de março de 2008.** Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional para incluir no currículo oficial



O ressoar das vozes que romperam o silêncio: aspectos históricos e culturais dos povos indígenas Tabajara e Tapuio de Nazaré

da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Brasília, 2008.

CHAVES, Joaquim Raimundo Ferreira. **O índio no solo piauiense**. 2 ed. Teresina: CEP, 1953.

COSTA, Francisco Augusto Pereira da. **Cronologia histórica do Estado do Piauí**: desde os seus tempos primitivos até a proclamação da república. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Artenova, 1974.

COSTA, João Paulo Peixoto. **A farsa do extermínio**: Reflexões para uma nova história dos índios no Piauí. In: PINHEIRO, Áurea; GONÇALVES, Luís Jorge (Org.). Patrimônio Arqueológico e Cultura Indígena. Teresina, Lisboa: EDUFPI, Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa, 2011. p. 140–161.

DANTAS, José. **História do Brasil**: das origens até os dias atuais. 1. ed. – São Paulo: Moderna, 1989.

LEITE NETO, João. **Índios e Terras – Ceará: 1850-1880**. / João Leite Neto. – Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2006. Tese (Doutorado em História do Brasil) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006.

LIMA, Iracilde Maria de Moura Fé. **Piauí: tempo e espaço**: estudos Sociais / Iracilde Maria de Moura Fé Lima, Maria Cecília Silva de Almeida Nunes, Emília Maria de Carvalho Gonçalves Rebêlo. – São Paulo: FTD, 1995.

MOTT, Luiz R. B. **Piauí colonial**: população, economia e sociedade. Teresina, Projeto Petrônio Portela, 1985.



O ressoar das vozes que romperam o silêncio: aspectos históricos e culturais dos povos indígenas Tabajara e Tapuio de Nazaré

NUNES, Odilon. **Pesquisa para a história do Piauí: Pré-história, primeiros contatos com a terra e ausência do Governo, primeiros...** / Odilon Nunes – Teresina: FUNDAPI; Fund. Mons. Chaves, 2007.

OLIVEIRA, João Pacheco de. **Uma etnologia dos "índios misturados"?** Situação colonial, territorialização e fluxos culturais. *Mana*, 4(1): 47-77, 1998.

PIAUI. **Lei Estadual nº 7.294, de 10 de dezembro de 2019:** dispõe sobre a política de regularização fundiária o estado do Piauí, revoga dispositivos da lei nº6.709, de 28 de setembro de 2015, e dá outras providências.

_____. **Lei Estadual 7.389, de 27 de agosto de 2020:** reconhece formal e expressamente a existência de povos indígenas nos limites territoriais do estado do Piauí e dá outras providências.

POMPEU SOBRINHO, Thomaz. **Povoamento do Nordeste Brasileiro.** Revista do instituto do Ceará. Tomo 51, 1937.

STUDART FILHO, Carlos. **Resistência dos indígenas à conquista e povoamento da terra:** a guerra dos bárbaros. Revista do Instituto do Ceará, Fortaleza, Ed. do Instituto do Ceará, Tomo 73/75, 1959/1962, p.182.

TORRES, L. H. **O conceito de história e historiografia.** BIBLOS, 8, 53–59. 1996.

XAVIER, Maico Oliveira. **Índios e Jesuítas na Aldeia da Ibiapaba (1700 – 1759).** Revista Historiar, ano II, n. I, 2010.



O AUTOR



Antonio Alves Pereira é Mestre em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual do Maranhão – PPGHIST/UEMA (2023).

É especialista nas áreas de Docência do Ensino Superior, pela Universidade Norte do Paraná – UNOPAR (2015), e em Metodologia do Ensino Religioso pelo Centro Universitário Internacional – UNINTER (2015).

Possui graduação em Licenciatura Plena em História pela UNINTER (2021), graduação em Licenciatura Plena em Letras/Espanhol pela Universidade Estadual do Piauí - UESPI (2018) e graduação em Licenciatura Plena em Pedagogia pela UESPI (2013).

Trabalhou como professor efetivo no município de Poranga – CE no período de 2014 a 2016. Atua como professor temporário da Secretaria de Estado da Educação do Piauí - SEDUC – PI desde 2019. É professor efetivo da rede municipal de ensino de Pedro II – PI desde o ano de 2015.



